

12046

HOMENAGEM
A ANTÓNIO AU-
GUSTO GONÇALVES

31 DE JULHO DE 1921

C
CT
2
M

Sala A/
Est. 18
Tab 5
N.º 9

INV.- N 2546

HOMENAGEM

A

ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES



ANTÔNIO AUGUSTO GONÇALVES

(CLICHE FOTOGRAFICO DE MARQUES ABREU)

*Ao professor illustre
e archeologo eminente
Ex. Sr. Antonio Augusto Gonçalves
Homenagem sincera
Do amigo e admirador*

Marques Abreu



HOMENAGEM

A

ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

31 DE JULHO DE 1921



3970



RC
MNCI

92

HOM

IMPRESA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA, 1923

No dia 31 de Julho de 1921, cêrca da uma hora da tarde, o Doutor Júlio Henriques procurou no seu gabinete do Museu Machado de Castro, onde aos domingos sempre a essa hora se encontra, o Senhor António Augusto Gonçalves, e com um pretexto fútil pedio-lhe que viesse á sala da Pintura Antiga, sem lhe dizer que aí estavam reünidos muitos amigos, admiradores e antigos discipulos seus.

Muito surpreendido ficou o Director do Museu, pois que a entrada dessas pessoas se fizera tão discretamente que êle de nada suspeitara.

O Doutor Júlio Henriques explicou as razões dessa reünião, dizendo:

UM grupo de amigos seus formaram uma conspiração, tendo por fim promover uma significativa demonstração dos merecimentos de V. Ex.^a. Os conspiradores deram a conhecer seu plano a várias pessoas que todas aderiram com prazer. A todas se impunha a obrigação de guardar segredo com receio que V. Ex.^a conhecendo o fim que se tinha em vista, nos fugisse. Hoje pratiquei uma pequena traição, enganando-o para o fazer vir a esta sala.

O fim desta reünião é manifestar a V. Ex.^a de modo claro a consideração, que de todos merece, pelo seu talento artistico, pelos serviços prestados a Coimbra.

Todos conhecem bem o que tem produzido a Escola Livre das Artes do Desenho, que V. Ex.^a criou e até hoje tem dirigido.

O efeito dela tem sido a criação de numerosos artistas que honram o mestre e a cidade. Fora da Escola V. Ex.^a tem sido ainda o guia e bom conselheiro de todos os que trabalham.

Facto importante, que demonstrou a competência de V. Ex.^a, foi a restauração rigorosa da Sé Velha, projectada e realizada sob a influência do Sr. Bispo-Conde D. Manuel Correia de Bastos Pina.

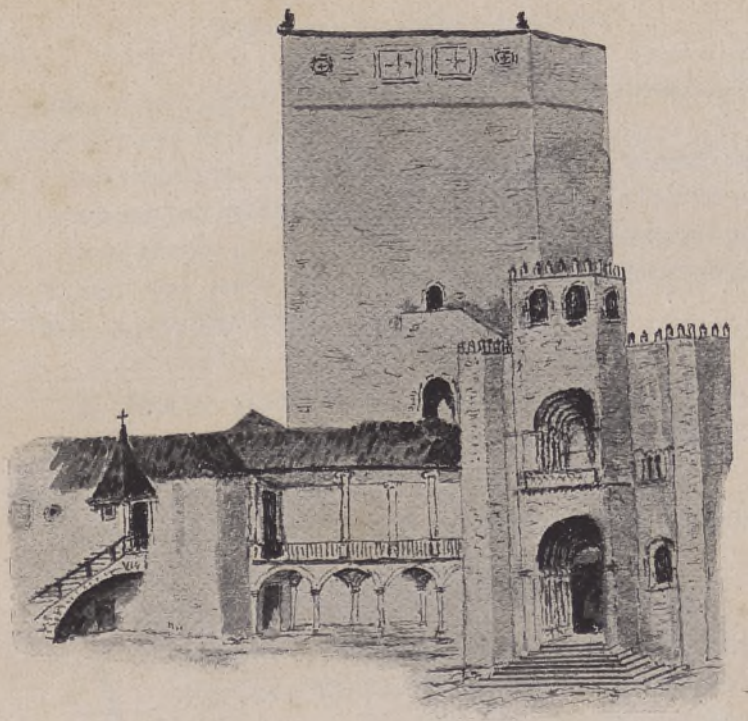
A restauração da igreja e Claustro foi completa e inteligentemente executada.

Coimbra não tinha museu de valor. No Instituto tinha o Sr. Dr. Aires de Campos lançado as bases para um estabelecimento dessa ordem. O que havia era pouco. Recebeu porém impulso valente quando V. Ex.^a foi admitido como sócio daquela sociedade e logo que foi encarregado da direcção do museu. Êste cresceu rapidamente ; de dia a dia aumentava o número dos objectos e em pouco tempo o museu tinha um alto valor.

Criado o Museu Machado de Castro, o Sr. Gonçalves, sem discordância, foi nomeado director. Tôda Coimbra conhece o que aqui se tem feito. O Sr. Gonçalves tem energia notável, parece ter também um poder especial para descobrir os objectos valiosos e de seguir à descoberta não descança enquanto os não obtém. Nem as revoltas do povo, mesmo armado de rijos varapaus o intimidam. Nada modifica e mais tarde ou mais cedo o objecto desejado dá entrada no museu. Isto é bem conhecido em Coimbra e justifica esta manifestação.

Feita porém só de amigos, companheiros muitos dêles do Sr. Gonçalves, poderia ser considerada de menos valor. Poder-se-ia dizer que era obra de amigos.

Os conspiradores, para evitar dúvidas, recorreram a um inquérito, dirigindo-se para isso a homens da sciência, literatos, artistas de alta cotação pedindo-lhes o juízo que formavam do professor festejado. Todos responderam e as respostas confirmam o merecimento do mestre. No album, que com vivo prazer entrego a V. Ex.^a, encontrará o juízo que, homens dis-



Quem, como o Sr. Antonio Augusto Goncalves, fundou e por longo tempo dirigiu uma escola livre das artes de desenho, da qual saem uma pleiade de artistas com um intencimento educado e bem orientado;

Quem, como ele, apesar de todas dificuldades, conseguiu com muita sciencia e consciencia restaurar por completo a velha catedral de Coimbra;

Quem, como ele, organizou em Coimbra o primeiro museu de arte no Instituto e o seguiu com zelo, actividade e competencia naõ vulgar organizando o Museu Machado de Castro;

adquiriu o direito a ser respeitado por todos

Coimbra 25 de Dezembro de 1920

Julio A. Henriques

tintos e cuja opinião é merecedora de todo o respeito, fazem dos méritos de V. Ex.^a

— Aqui tem pois V. Ex.^a o que significa esta reunião íntima — prestar um grande preito aos seus talentos e às suas obras.

Com grande prazer em nome de todos os presentes peço a V. Ex.^a que aceite os nossos respeitos e agradecimentos por tudo quanto tem feito.

O Doutor Júlio Henriques entregou em seguida ao Senhor António Augusto Gonçalves a pasta contendo os originais que adiante se publicam.

Depois o Doutor António de Vasconcelos leu a seguinte alocução:

A CHAVA-SE em grande decadência o *Instituto de Coimbra*. Revista e Museu, as suas mais importantes, se não as únicas, manifestações de vida acusavam aos olhos de todos essa decadência. Desde alguns anos que a revista *O Instituto* se ia arrastando sem brilho, sem interêsse, sem regularidade; o Museu, tão amorosamente criado por um reduzido grupo de arqueólogos, e tão sábia e honestamente catalogado por Aires de Campos, não passava já de um conjunto informe de pedras e várias velharias, amontoadas sem ordem, sem arte, sem luz, sem limpeza em duas espeluncas, que nunca haviam sido vestidas de cal, mas que, em compensação, se achavam profusamente decoradas com espessas colgaduras de teias de aranha.

Algumas vozes se levantavam por vezes a protestar contra êsse desleixo e abandono; mas debalde. Parecia que o Instituto, depois de curta vida gloriosa e brilhante, seguida de um período apagado e sem brilho, ia enfim extinguir-se vergonhosamente.

Alguns sócios, com Júlio Henriques à frente, erguem-se num movimento de revolta, e reagem. Era necessário despertar,

renovar êsse organismo precocemente decrépito e desconjuntado, injectar-lhe sangue novo, estimular novas energias, criar vida nova.

¿ Quais os elementos de que lançar mão para êsse fim ?

Lembraram-se nomes vários, de moços já bem conhecidos e consagrados por suas obras literárias. Então Júlio Henriques, um pouco a mêdo, ousa apontar o nome de *alguém*, que não tinha a recomendá-lo pergaminhos académicos, e que por vezes falara do Instituto em tom assás acre. Tinha entretanto valor grande e incontestável: o seu saber, a sua energia, os seus talentos artísticos, a sua audácia e firmeza de renovador e organizador, eram bem conhecidos em Coimbra; dêle havia a esperar importantes serviços, especialmente na vitalização da secção de Arqueologia, e na reforma e desenvolvimento do Museu de antiguidades. Êsse nome era o de António Augusto Gonçalves.

A lembrança foi acolhida com espontâneas e unânimes manifestações de aplauso. Era êle certamente o homem destinado a continuar e alargar a obra iniciada por Aires de Campos. Foi desde logo, antes mesmo da apresentação da sua candidatura a sócio do Instituto, nomeado *in petto* futuro conservador do Museu de Arqueologia.

¿ Aceitaria êle porém ?

Da anuência de Gonçalves resultaria, sem dúvida, a abertura de uma nova era de prosperidades ao Instituto. Estavam dadas as provas, e eram eloqüentes; bem conhecidos de todos os excepcionais dotes de que dispunha. O seu talento, sciência, trabalho, energia, zêlo, dedicação, combatividade incansável, eram garantias superabundantes.

Coimbra já então lhe devia imensos serviços.

Uma pléiade de rapazes, por êle educados e orientados, iam produzindo obras de valor, chamavam sôbre as artes coimbrãs os olhares admirados e acariciadores dos críticos do país. ¿ Quem ignorava a acção educadora da *Escola Livre das Artes do Desenho*, criação feliz de alguns beneméritos, tendo Gon-

çalves à frente, como inspirador, director e Mestre? ¿E os serviços por êle prestados como professor particular de desenho, quer em sua casa, quer na Associação dos Artistas e nos Colégios dos Orfãos da Misericórdia, dispondo de métodos excelentes e originaes, que facilitavam a aprendizagem ainda aos mais rudes e menos capazes? ¿E as benemerências incomparáveis do grande Mestre no ensino feito, dedicada e desinteressadamente, no seu *atelier*, por onde passavam, e ainda hoje continuam passando, dezenas de discipulas — meninas e senhoras — que ali vão receber das suas mãos privilegiadas a comunhão santa da iniciação artística?

Por entre a opposição sistemática, e por vezes bem desleal, da grande massa rotineira e ignara, as tentativas de ressurgimento artístico iam-se succedendo — e a treva debalde empregava os mais indignos processos, para apagar a « *Lucerna* » illuminante, erguida nas mãos do lutador indefesso!

A *Exposição Distrital de Coimbra*, em 1884, foi uma revelação e um triumpho.

Veio depois a restauração da Sé Velha, que, pouco a pouco, da sua própria ruína foi ressurgindo, como a fénix da fábula, tocada pela varinha mágica de Gonçalves, que ali, com saber, paciência, tenacidade e critério admiráveis, ia realizando êsse milagre, tão raro entre nós, de uma restauração conscienciosa, perfeita e sensata.

Passando em revista isso tudo e muito mais, concluíam-se que António Augusto Gonçalves era o homem que podia reanimar e revigorizar essa múmia ressequida, coberta de pó e lixo, que enfaticamente se denominava — *Museu de Arqueologia do Instituto de Coimbra*.

*

Fui eu o encarregado de sondar os sentimentos de Gonçalves, e de lhe fazer o convite para ingressar naquella sociedade.

A sua modéstia sobressaltou-se; havia também melindres de

várias espécies : formulou pois uma recusa, que mais tarde veio a retirar, quando se convenceu de que ali, melhor do que em qualquer outra parte, prestaria ao país e à sua querida Coimbra serviços importantes.

Obtida a anuência, fez-se, em conformidade com o estatuto, a proposta oficial da candidatura, que, em vez de ser assinada, como de costume, por dois sócios apenas, era firmada por vinte nomes, entre os quais destacavam os de maior prestígio do grémio. ; Facto único na história do Instituto !

Coube-me ainda a mim a honra de ser designado pela Direcção para formular o relatório desta candidatura. Nunca escrevi linhas mais sentidas, nem que mais me enchessem de satisfação. Via consagrado pelo escol da Coimbra sábia o grande lutador, o apóstolo incansável da instrução e da arte, o propagandista devotado da educação das classes populares ; a êle me ligavam, desde muito, os mais estreitos laços de respeitosa admiração e de velha, affectuosa e inalterável amizade. Escrevi pois o relatório *ex abundantia cordis*.

*

Em assembleia geral do Instituto, a 24 de Novembro de 1894, é apresentado o processo de candidatura, já concluso. Foi logo votado por unanimidade, com manifesta satisfação de todos.

Contra as praxes estabelecidas, atendendo às circunstâncias excepcionais dessa admissão, resolveu-se publicar todo o processo na revista *O Instituto* ; saiu em o número 17 do volume XLI, páginas 1025 e seguintes.

Passou-se isto há quasi 27 anos.

*

Depois dessa consagração, em que tive a honra de colaborar, ;o que não tem feito Gonçalves pela causa da civilização e da arte, pela causa da Pátria portuguesa !

Escusado é relatá-lo. Felizmente a sua obra é bem conhecida. Memorarei apenas um dos serviços prestados.

O Museu arqueológico do Instituto, decorrido pouco tempo, já não parecia o mesmo; transformou-se e ampliou-se rapidamente e largamente, sendo vastas e preciosas as colecções que nele se instalaram. Os objectos, que as constituíam, foram, em grande parte, adquiridos por indústria de Gonçalves, e muitos eram propriedade sua; António Augusto é que dirigiu sempre, e exclusivamente, a escolha, disposição e instalação. No domingo 26 de Abril de 1896 realizava-se com grande solenidade, sob a presidência do Bispo-Conde, o benemérito D. Manoel Correia de Bastos Pina, e do Reitor da Universidade, o sábio Dr. António Augusto da Costa Simões, a abertura e inauguração do importante Museu de Antiquidades.

¿ E quem foi que criou e organizou o Museu de Machado de Castro, no qual veio incorporar-se o Museu do Instituto, com acôrdo unânime daquela sociedade? Nada mais seria necessário para immortalizar um homem, em qualquer meio culto e civilizado. Em breve, apesar de todas as contrariedades, o Mestre incansável terá completado este Museu com a secção importantíssima e singularmente preciosa dos objectos de prata e alfaias religiosas da Sé, que será instalada na igreja de S. João de Almedina.

Mas tudo isto não passa de um simples capítulo da sua vasta obra. ¿ Quem poderia enumerar as múltiplas formas por que, há mais de meio século, este benemérito entre os mais beneméritos vem influindo tenaz e eficazmente no progresso da sua terra natal, vem caminhando ousada e animosamente por vias escabrosas, eriçadas de espinhos e cheias de obstáculos, criados a cada passo por alguns dos seus concidadãos?

¿ Como se tem correspondido a tantas benemerências?
; Quantas ingratidões a lamentar e estigmatizar!

.....
Mas hoje é dia de festa. — ; Para longe recordações tristes!

de seda vermelha, a legenda: — ESCOLA LIVRE DAS ARTES DO DESENHO.

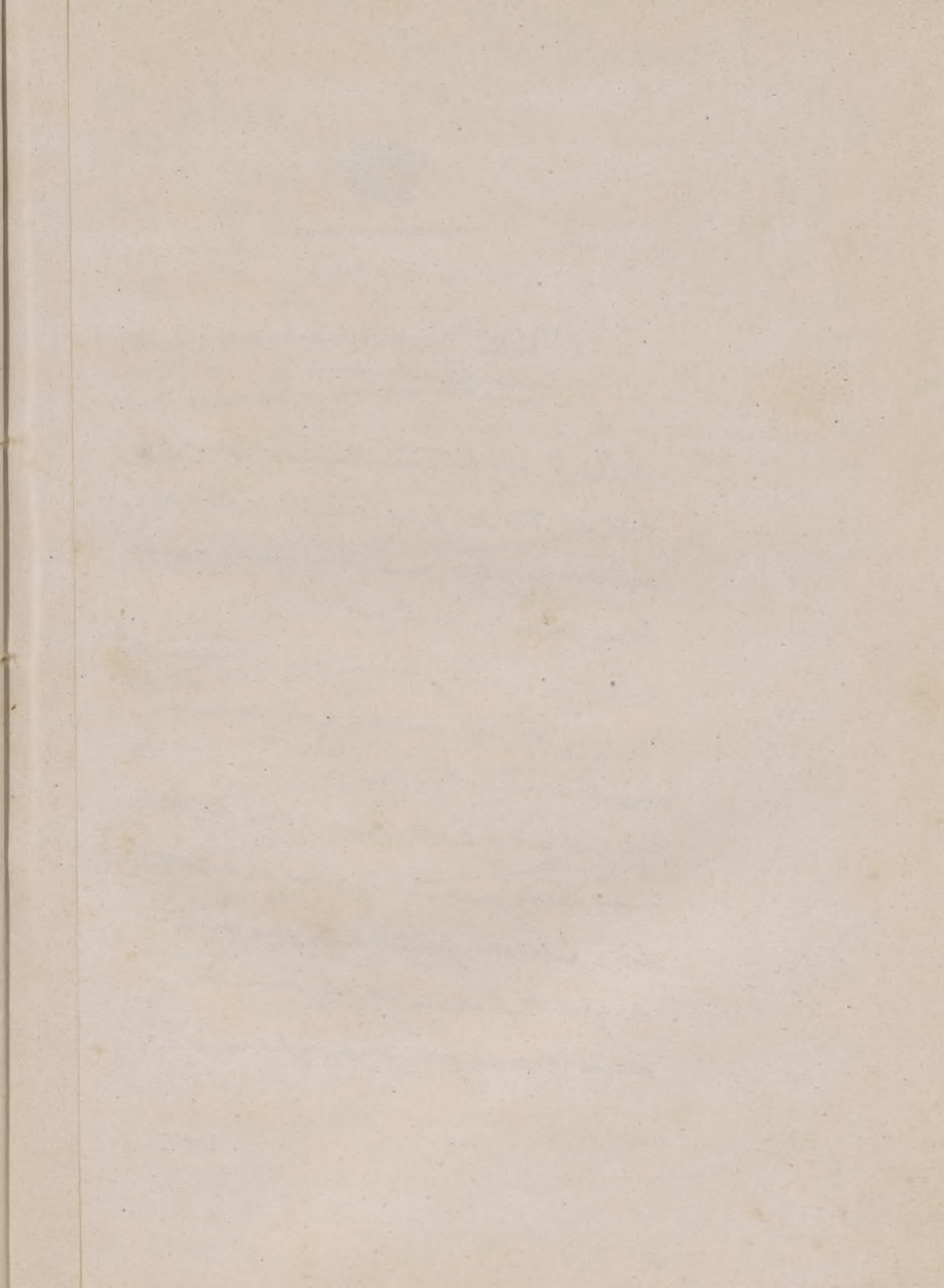
A pitoresca procissão encaminha-se da cidade baixa para a alta, e entra pelo pátio da antiga residência senhorial dos Bispos-Condes; sobe a escada, e penetra no salão nobre. Erguem-se então os braços, agitam-se as palmas e as coroas, sendo vitoriado e aclamado um homem, que logo é por tôdas as classes consagrado como benemérito e ungido com o óleo santo da admiração, do reconhecimento e da gratidão da Pátria portuguesa.

*

Eis o sonho, que eu sonhei. Um belo sonho, na verdade, de louvor ao talento, de honra à virtude, de consagração ao mérito; mas, embora sonho, vê-se que não deixa de ter um pouco de realidade.

Os admiradores de Gonçalves, sem distinção alguma, *sponte et ab imo pectore*, surgem num movimento sentido, respeitoso, sincero, repassado de affecto e de reconhecimento; e, subindo hoje as escadas dêste Museu, levantam um *Salve* entusiástico ao benemerente cidadão e patriota incansável, ao sábio Mestre, ao exímio Educador, ao grande Artista — ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES.

O Senhor António Augusto Gonçalves muito comovido agradeceu em breves palavras a manifestação que lhe era prestada, cumprimentando as pessoas presentes.





PRESIDÊNCIA DA REPUBLICA

..... de de 192.....

O Velho Gonçalves

A glória de Antonio Augusto Gonçalves, feito de talento, persistência, intrepidez e bravura, tem uma base moral que a torna firme e austera.

Pertence a uma geração que o tomou por raiz sua dos seus meios e verdades: o amor. Mas não se viu debruçar sobre esse aspecto a sua ação, nem mesmo nesse grupo de homens iconoclastas e rebeldes, por que se os seus olhos de espirito fixaram d'elle um conductor e um guia, as afirmacões



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

2

..... de de 1922

do seu carácter de um the a solidiez
espiritual de um creador de pennis.
pios.

Já em 1890, the chamavam o
"Velho Joca" e "Pogre". Pogre
the, ainda novo, já tinha nas aspillas
da sua vida psychica, e a desparto da
supremacia numerica do seu tempo.
mento indomavel, agraça que se desde
-solenare que, em todos os tempos, for
apareça das patrias.

Lula, abril de 1922.

Antonio Joca, Almeida.

ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

Ósso e nervos, como um instrumento músico, só tampo e fibra, tocado não sei por que sorriso de gárgula debruçada dos velhos Monumentos de Coimbra, o Senhor A. A. Gonçalves é o mais vibrátil artista da Erudição que por cá se tem creado a si mesmo.

Ora em prece de escopros, êsses bruxos violinos da Estatuária, ora em sopranos de som que rompem das oficinas dos canteiros, já nos trabalhos em talha, ou nas chapas das marteladas dos ferros batidos, — todos os artífices de Coimbra, como chama em feno, lambem os seus desenhos.

Êle é o Mestre.

Devem estar contentes de si pelos seus restauros felicíssimos, os mais velhos templos da cidade, as grandes artes e as artes menores.

15 Junho.

AFONSO DUARTE.



GONÇALVES

A GLÓRIA de António Augusto Gonçalves consiste em se não poder separar já o seu nome do nome de Coimbra.

É êle o filho dilecto, o campeão espiritual desta Dama do Sonho a quem o mestre dedicou a sua fecunda e admirável vida. Se um dia acabarem de matar em Coimbra aquilo que ela ainda conserva por milagre de exalação íntima da sua alma, — e que é a *sua atmosfera*, — os antigos devotos e romeiros da cidade da Beleza em Portugal terão de limitar-se a olhá-la de longe, da ponte do combóio, quando viajarem a caminho de Paris ou do Japão, mas sem descerem (pelo próprio motivo do antigo amor) na estação velha cheia de recordações. Mas ainda então êsses viajantes desencantados terão também de recordar um nome — o de Gonçalves — quando entrevirem aquele perfil da cidade e os que tinham sido saudosos campos em cujo ambiente de lírica magia ela embebia com aêria graça a sua alma nostálgica de si mesma.

Maio de 1921.

AFONSO LOPES VIEIRA.



A COMUNHÃO DOS 18 ANOS

No meu quarto de hospital, donde entre mil horrores, avisto ha sete meses, o monte que vai de Santa Cruz ao Picôto, o meu pobre corpo dolorido lembra aquella alma contorcida e amargurada, que o Dante coloca ao fundo do Purgatório, preparando-se para subir os sete degraus terribes da montanha...

Para esta ilusão ser completa, um Poeta moço e amigo, de alma tranquila e doce como Vergílio, vem, às tardes, visitar-me, e, tomando-me as mãos cansadas nas suas mãos felizes, fala-me, suavemente, dos matizes divinos com que o Sol borda a paisagem de Coimbra...

Eu, como filho fiel das serras altas, azúis, consigo abrir um sorriso na face macerada :

— Sim, Coimbra é linda — digo-lhe —. É, se quizer, uma bela exposição de quadros, uma cesta grande de flores, mas esta paisagem não tem grandeza...

— É, então, mais bela a sua Guarda ?!...

— A Guarda não, mas as serras sim. Se não veja : Em Coimbra, o sol nasce ali em frente, a dois palmos de nós, entre as árvores do parque de Santa Cruz... Na minha Guarda, o sol surge sempre acima de serras altíssimas, azuis, em pleno céu, a infinitas léguas de mim!...

— Não o deslumbra, então, o Sol de Coimbra ?...

— Não, meu querido Poeta, o Sol, aqui, não vale uma fogueira acesa, de noite, por um pastor, no alto da minha Estrela...

Sobre o azedume desta Dôr enorme que a saudade das minhas serras engrandece e agrava, o meu Amigo Poeta entorna abundantemente, o perfume de uma contínua bucólica em louvor de Coimbra, que — diz êle — « não é o hospital nem a minha doença »...

E, como um mimo, sempre que volta, traz-me uma novidade de arte, uma emoção nova, um pensamento belo.

Hoje deu-me a notícia de que ia fazer-se uma manifestação de carinho a António Augusto Gonçalves, e que, por meio dêle, atravez da sua obra portuguesíssima, eu me reconciliaria com Coimbra, escrevendo duas palavras de homenagem.

E falámos longamente, da obra gloriosa dêste português ilustre, dos seus discípulos, da escola que êle criou, e, sobretudo, do amor que todos nós, os tradicionalistas, lhe temos, pela zelosa ternura com que êle acarinha uma pedra, um templo ou uma joia do Portugal antigo e forte.

Quando falámos da Igreja de S. Tiago, onde, nas vésperas de Alfarrobeira, o Duque de Coimbra e o Conde de Almada e Avranches juraram, sobre a Hóstia, morrer em combate, contra as intrigas dos que mal governavam em Lisboa, eu disse :

— Se eu governasse, a Igreja ficaria sempre assim, sem telhado, aberta á luz do Ceu, tal como até hoje a purificou a mão amorável de António Gonçalves.

— ¿ Mas para quê ?...

— Eu lhe digo, meu querido Poeta : nós, os moços que encontrámos, como dois heróis de Alfarrobeira, o Deus de Ourique, no trigo alvo e sagrado de Portugal, viríamos aqui fazer a Comunhão dos 18 anos — a Comunhão Patriota — como se o Duque e o Conde do século xv tivessem ordenado, a nós, vindouros, as palavras de Cristo na última Ceia amargurada : « Fazei isto, jurai também, em nossa comemoração !... »

— ¿ E os que não acreditassem na Hóstia ?

— Poucos são, em Portugal, mas comungariam aquela atmosfera, velariam as suas armas, e juraríamos todos dar a vida contra reis e presidentes, contra fidalgos e plebeus, que, no bom govêrno da grei, não erguessem a Pátria acima de si próprios.

— ¿ E porque não queria o telhado na Igreja de S. Tiago ?... interrompeu, sorrindo o meu amigo Poeta.

— ¿ Telhado, só de cristal — do mais claro e puro, porque além de Deus era preciso que os antepassados vissem o juramento de honra ! Porque, você sabe, os mortos mandam... Êles veem e governam...

— ¿ Seria, então, um templo Patriótico ?

— Sim um templo Patriótico, e de guarda ao templo, pelos séculos fora, como um sacerdote de antigas eras, ficaria, em bronze, a figura de António Gonçalves, para ir dizendo às gerações que viessem : « Entrai e comungai !... »

.....
Hospital de Coimbra, 21 de Maio de 1921.

ÁLVARES D'ALMEIDA.

HÁ 47 anos que tomei as primeiras lições de desenho e modelação com o mestre António Augusto Gonçalves e conservo a mesma admiração pelo seu grande talento e o mesmo respeito pelo seu elevado carácter.

Muito illustrado, muito conhecedor de todas as manifestações da arte, extraordinariamente dedicado a todos que desejam aprender, com uma incomparável arte de saber ensinar, António Augusto Gonçalves tem conseguido êsse encantador conjunto de arte que se encontra em Coimbra — com os seus admiráveis ferros forjados e burilados, madeira e pedra artisticamente trabalhados. Com grandes faculdades de trabalho a sua produção de obras de arte é grande. Tem belas esculturas em pedra e madeira, admiráveis desenhos à pena e a lápis, em grande parte reproduzindo trechos de arte antiga, todos êles devidamente anotados e traduzindo, portanto, a mais completa história da arte coimbrã.

Os monumentos têm tido em António Augusto Gonçalves, há meio século, o seu maior defensor. O restauro da Sé Velha é uma obra de mestre e o museu Machado de Castro é o conjunto do seu saber. Trata-se, pois, dum ilustre artista cujo nome ficará fulgurando entre os nomes de maior destaque dos que justamente representam o cultivo aprimorado da grande arte portuguesa.

ANTÓNIO AUGUSTO DA COSTA MOTA.



ANTÓNIO Augusto Gonçalves, de Coimbra, felizmente ainda vivo, é já considerado por todos os artistas portugueses como um consagrado sendo a sua opinião acatada e ouvida como a de um *mestre*.

A sua muita competência e orientação artística; os vastos

conhecimentos que possui de *Bellas-Artes*; a tenacidade e a rijeza do seu carácter austero; todas estas qualidades reünidas que *António Augusto Gonçalves* possui em grau elevado, fizeram pela sua propaganda durante quasi meio século, um renascimento na moderna *Arte Coimbrã*.

Do que deixo escrito não há a menor sombra de exagêro, porque são provas evidentes do que afirmo os numerosos artistas que sob a sua competência se têm formado, e que dão honra a essa terra; — as obras tanto na pedra como no metal que aí são executadas e que tão característico e pessoal marca êsse trabalho; as restaurações que debaixo da sua orientação têm sido feitas na Sé Velha de Coimbra, e a maravilhosa organização dêsse museu de Coimbra, — o primeiro do país — que tem sido exclusivamente obra sua.

Por todos estes motivos que reconheço no *António Augusto Gonçalves* e que tem jús ao respeito e à consideração de todos os seus concidadãos eu deixo aqui testemunhada a minha grande admiração e sincera amisade.

Lisboa, Março de 1921.

ANTÓNIO DO COUTO.

Arquitecto de Lisboa.



UMA grande devoção carinhosa e apaixonada, pelas velhas pedras e monumentos do passado; e uma entranhada e nobilíssima simpatia pelos humildes (simpatia activa, que levou a rodear-se de artífices obscuros, para neles cultivar, despertando-o e revelando-o, o sentido da harmonia), — eis, segundo creio, os dois traços mais significativos da fisionomia espiritual de António Augusto Gonçalves, e para mim os mais encantadores.

Da sua devoção pelas velhas pedras abandonadas, de que sabe extrair humanidade e sonho (delas pode dizer como



SÉ VELHA

Ruskin : « Pour moi les pierres m'ont toujours été du pain »),
falamos sobretudo a Sé Velha e o Museu Machado de Castro.

Do que de fecundo produziu a sua simpatia pelos humildes,
permite avaliar a florescência das indústrias artísticas de
Coimbra, já hoje bastante conhecidas e celebradas.

Estas duas facetas aparentemente opostas, do seu admirável
temperamento de Artista, — dois aspectos diversos do mesmo
culto pela Beleza — mostram, conjugadas, o amoroso e o apos-
tolo que êle é, e afirmam bem claro a sua intuição superior
da arte como modeladora e amplificadora de almas, e como
divina medianeira entre os homens, tendo por fim erguê-los
acima dos seus conflitos e egoísmos.

Medianeira divina, sim, mudando a realidade em sonho para
deixar entrever uma mais alta realidade, como a Santa Pa-
droeira de Coimbra, que, diz a lenda, transformava o dinheiro
em rozas...

Alverca da Beira, Junho de 1921.

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.



VEM de muito longe a minha admiração pela obra fecunda
de pedagogo e artista do senhor professor António
Augusto Gonçalves.

A minha residência em Coimbra durante onze anos consecu-
tivos, os melhores da minha vida, fez-me compreender e apre-
ciar melhor ainda todo o alcance dos seus ensinamentos de ver-
dadeiro apóstolo da arte e de perfeitíssimo homem de bem.

O seu maior elogio está na veneração profunda que lhe
consagram todos os seus discipulos, alguns dos quais, conheci,
e, nomeadamente o malgrado Alberto Ramos de Vasconcelos,
em companhia de quem percorri todos os caminhos e estudei
todos os monumentos da região coimbrã, e, no muito amor
que ora a estes tenho e nas emoções que sempre em mim

despertam, eu sinto quanto o meu espirito recebeu também a benéfica influência do grande Mestre!

Lisboa, S. Sebastião da Pedreira.
16 de Janeiro de 1921.

ANTÓNIO MESQUITA DE FIGUEIREDO.



ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

PENSO que admirar é o mais belo culto que pode praticar um homem. Eu entendo a admiração como um acto de amor, de alta obediência, de necessária, quasi divina escravidão.

Admirar e amar são actos religiosos.

Por êles o homem afirma seu divinal destino, marca seu desejo de maior altura, paga seu tributo á divindade do Mundo, é fraterno, existe.

Admiramos certas vidas pelo que no seu esforço, nos revelaram de infinita herança misteriosa. Amamos o seu exemplo, temo-las na intimidade do nosso carinho, pelo que elas deram ao Mundo em Beleza, enobrecendo-o.

Devemos-lhe a alegria dos nossos mais puros egoismos satisfeitos e a de podermos ver mais alto que as misérias quotidianas.

Deve-lhes a Pátria sua sobrevivência.

Os dias mortos, as grandes atitudes extintas, devem-lhe sua eternidade.

Elas são as sugestionadoras constantes dos nossos actos belos. Velam pela nobreza do Mundo. A Beleza é o fogo sagrado que mantém puro ao meio duma multidão um miserável desvairo.

A verdadeira riqueza dos povos, a que conta na História, sai das suas oficinas.

E à História ela vai, e às ruínas ou às sombras, encantadoras, desencantar os dias mortos, as almas e as coisas de que vivemos fidalgos...

Eu admiro e amo em António Augusto Gonçalves uma existência dessas, uma vida assim.

Coimbra, 31 de Julho de 1921.

AUGUSTO CASIMIRO.



ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

SE Coimbra se ufana com ser a pátria de muitos varões assinalados cujos nomes refulgem como astros brilhantes na sua história, tais como, além de outros, Sá de Miranda, Eugénio de Castro, Fr. Leão de Santo Tomás, Joaquim António d'Aguiar, Diogo de Gouvêa, Pedro de Mariz, Joaquim Machado de Castro; motivo de muito se enobrecer e de muito se gloriar é também para esta cidade o ter dado o berço a António Augusto Gonçalves.

Entre os seus naturais ilustres, êle se destaca extraordinariamente por lhe haver prestado serviços relevantíssimos, os quais, em razão da sua importância e maravilhosos resultados, por tal modo se manifestam, que escusado se torna deter-me em referi-los. São como a luz e esplendor do sol brilhante, que a todos e em toda a parte se patenteam.

Quando um dia, como é de justiça, se haja de erigir a António Augusto Gonçalves uma estátua, o architecto ou o escultor que tiver de a delinear, não encontrará para lhe decorar a base, ornamentos mais apropriados do que estes três:

1.º — O que representa o Arco d'Almedina com a sua *tôrre darrollaçom*, onde, na Escola Livre das Artes do Desenho, ali estabelecida por Gonçalves, este insigne professor, preparou,

e dela tem feito brotar como de fonte pura e copiosíssima, o renascimento e progressos das artes industriais coimbrãs, cujos produtos hoje brilham por admirável perfeição e apurado gôsto.

2.º O que representar a Sé Vélha, êsse perfeitissimo e venerando templo medieval, erigido no século 12.º com singular nobreza architectónica no estilo românico, o qual, tendo sofrido do tempo e dos homens grandes estragos e deturpações, vemos agora, em virtude de difíceis obras de restauração, realizadas por iniciativa e sob a acuradíssima direcção de Gonçalves, ostentar garboso o nobre e esplêndido aspecto que lhe havia sido dado pelo seu primitivo delineamento.

3.º O que representar o velho Paço Episcopal, séde do Museu Machado de Castro, museu de arte e antiguidades riquíssimo, que, embora proveniente do Instituto, se pode dizer criação de António Augusto Gonçalves, não só pela persistência com que, na qualidade de seu conservador, êle tem promovido e conseguido inumeráveis e importantes aquisições, mas também por ter dado aos variadíssimos objectos que o constituem uma disposição admirável, que produz a mais agradável impressão nos visitantes que ali afluem, deixando-os embevecidos e deslumbrados.

Na base da estátua a que aludimos com a qual a cidade de Coimbra prestaria uma justa homenagem de gratidão, dever-se ia gravar, junto do nome aureolado de António Augusto Gonçalves esta legenda do divino Camões:

DITOSA PÁTRIA QUE TAL FILHO TEVE

(*Lusiadas*, canto 8.º, est. 32).

Coimbra, 31 de Julho de 1921.

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO.



A HOMENAGEM que se vai prestar ao meu querido Mestre António Augusto Gonçalves, oferece-me o ensejo para enaltecer a maneira superior como compreendeu o seu papel de iniciador de tantas gerações, que receberam da sua palavra, da sua obra e do seu exemplo a lição mais fecunda.

DONA BRANCA DE NORONHA.



IMPRESSÕES NA SÉ VELHA

NUMA tarde húmida e triste de Janeiro, entramos muitos estudantes na Sé Velha de Coimbra para assistir á encomendação do cadaver da irmã dum nosso condiscípulo. A desditosa moça havia sido nossa companheira de comboio no regresso de Lisboa das férias do Natal. Viera alegre e despreocupada, conversando e rindo connosco, mal pensando ter entrado nos últimos dias da sua curta vida.

A todos nós, principalmente aos companheiros da jornada, ferira-nos dolorosamente o triste e inesperado successo.

Pesarosos nos encontrávamos na vasta nave da igreja românica, melancólica e escura, pois a fraca luz do poente não conseguia alumia-la.

Apenas a claridade que entrava pela alterosa janela da fachada, incidindo sôbre os azulejos das primeiras colunas, punha a nota clara no sombrio quadro.

Nunca se me apagou da memória aquela mancha, e ainda hoje a estou vendo, quási tremulante, perdida lá nas alturas.

Passaram-se anos, bastantes anos, e voltei a Coimbra, não já na qualidade do mais cábula dos estudantes, mas na de forasteiro.

Tornei então a entrar na Sé Velha, num reluzente dia de primavera.

Tornei lá a entrar, sem nada saber, absolutamente ignorante do que se havia passado, contando encontrar tudo como deixara, conjectura mantida pelo aspecto exterior do templo, onde ainda permanece o campanário. Entrei e parei assombrado!

Os azulejos da tal mancha clara haviam desaparecido, e a nave apresentava-se-me grandiosa, imaculada, simples, nas suas linhas severas e harmónicas, no tom quente da sua pedra. Os feixes de colunas alinhavam-se majestosos, despidos de ouropeis anacrónicos, sobrepujados apenas das elegantes arcadas do trifório. As paredes laterais, limpas de deploráveis sobreposições, apresentavam, ufanas, sob os seus arcos, os dois renques de túmulos de antigos bispos, com as suas figuras jacentes.

E lá no fundo discretamente brilhava o doirado velho da primorosa talha do magnífico retábulo da capela mór.

Era um conjunto artístico na sua mais bela e harmónica composição.

¿ Quem fizera a transformação ? um homem sabedor, modesto, dedicado à Arte, o benemérito António Augusto Gonçalves.

Querem hoje os seus admiradores, no número dos quais me incluo, prestar-lhe a homenagem devida ao seu talento artístico; pedem-me para concorrer com a minha oferta; nada mais sincero posso dar do que o testemunho do por mim próprio sentido perante uma das suas mais belas e completas reconstruções architectónicas.

Salitre, 11 de Junho de 1921.

BRAAMCAMP FREIRE.



DURANTE OS meus cinco anos de Coimbra, e mais tarde, sempre que lá tenho ido, nunca procurei ser apresentado nem a Eugénio de Castro nem a António Augusto Gonçalves. Parece-me que assim os tenho sabido venerar

melhor supersticiosamente, de longe, aos dois deuses tutelares da cidade — um legado de Apolo e de Minerva, outro conservador e restituïdor dos florões, dos pórticos, dos Claustros, da estatuária, das suntuosas relíquias e ruínas que ainda irradiam tamanha beleza entre os bazares catitas do burgo moderno.

18 Maio 1921-

CAMARA REYS.



ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

TEM no porte aristocrático o delicado requinte dum príncipe fadado para a quiromância da Beleza.

Lembra uma árvore de velha estirpe, de raízes profundas abraçando o humus creador e de ramos verdejantes tocando o Infinito do seu sonho.

.....

Sócrates foi o mágico escultor das almas puras: a alma dos seus discípulos é o *manuscrito* da sua obra.

Platão é o *capitulo* da sua Imortalidade. António Augusto Gonçalves é para o nosso tempo o Sócrates da arte.

A sua obra aí fica esculpida a golpes de cinzel na pedra escura dos velhos monumentos restaurados.

A nova elite dos seus discípulos conscientes será para o Futuro o *índice* gravado a fogo vivo da Obra gloriosa do grande Mestre.

.....

Quando Êle passa eu sinto que o próprio tempo, consciente da sua utilidade, vai contando os seus anos de rejuvenescido Fausto enamorado da sua Arte, enquanto a Vida alonga à sua frente o caminho do túmulo, — porta aberta para a glória maior da sua Imortalidade.

E essa esguia Figura de Príncipe fadado, o Feiticeiro da meia noite eterna da Beleza, diz às vezes sentindo a proximidade do seu fim, como quem vai partir para bem longe, de olhos fitos nos olhos apagados do Mistério:

« Rapazes! rapazes! isto está no fim... estou quasi a ir-me embora! »

CAMPOS DE FIGUEIREDO.



A SÉ VELHA DE COIMBRA

DORMIA o velho templo abandonado
Sob uma inerte, estúpida argamassa,
E viuvo de Deus — d'amor e graça, —
Era um túmulo hiante e profanado...

Mas, de repente, na sombria massa
Poisa outra vez o espirito sagrado,
E arde na pedra, palpitante e alado,
O sonho egrégio e antigo d'uma raça...

Que foi? Ah! foi alguém — hora bem dita
Da fé que os montes num momento abala —
Moderno Prometheu roubando o fogo,

Alguem que disse á pedra: — « Ressuscita! » —
E disse para Deus: — « Vem habitá-la! » —
E pedra e Deus obedeceram logo...



ANTÓNIO Augusto Gonçalves tem a acendrar-lhe o coração o amor por Coimbra, e a dulcificar-lhe o espírito o amor pelo Passado. Assim, sonhando para a sua cidade dilecta as grandezas de outrora, foi sempre seu único fito restituir-lhe, tanto quanto em si cabe, o prístino esplendor. Felizmente que a sua cabeça bem organizada de erudito e de artista ajuda o nunca desfalecido coração — e o resultado aí o vemos na ressurreição maravilhosa da Velha Sé e de S. Tiago, de pedras tismadas pelos séculos, e das não menos velhas e pitorescas indústrias locais...

¡Tomáramos nós um António Augusto Gonçalves em cada boa terra de Portugal!

M. CARDOSO MARTA.



PARA um artista como eu e habituado a exprimir a sua ideia e os seus sentimentos por processos tão diferentes da palavra dita ou escrita, a impossibilidade de falar de Alguém ou escrever sôbre a obra de Alguém como a de António Augusto Gonçalves, é quasi absoluta.

A obra de António Augusto Gonçalves é o produto de uma grande erudição, de uma acção incansável e de um apaixonado coração de artista. Qualquer destas três feições seria assunto para um admirável estudo sôbre a vida dêste homem, illustre a quem, não só Coimbra como o país inteiro, deve serviços de incalculável valia; não é pois de um artista como eu que se deve esperar os três formidáveis volumes.

Conheço António Augusto Gonçalves há tanto tempo como conheço Coimbra, e há apenas dez ou doze anos que pela primeira vez a visitei e o conheci, ambos no mesmo dia.

Nunca mais se apagou nem da minha memória nem do meu coração essas horas de gozo inegalável passadas na companhia dêste grande sábio e do grande poeta que é Eugenio de Castro.

Não pretendo, porque não posso, dizer a quem lêr êste preito da minha homenagem que aqui rendo a António Augusto Gonçalves o porquê das fundas comoções que me causou a revelação das maravilhas de Coimbra; isso pertence aos sábios da sua envergadura; mas como artista apaixonado das belas coisas do passado da nossa arte, da nossa grandeza e da fé que já lá vai, eu sinto ao passar por Coimbra a caminho da minha adorada Lousan, a tranquillidade absoluta do meu espirito quando repito a peregrinação da minha primeira visita, pela certeza absoluta de que tudo o que se fez ali de novo sôbre o antigo, e todo o amor da tradição expresso no que se faz de novo, é obra do vigilante espirito dêste homem benemérito e superior a quem por prêmio (êle que me perdoe a pequenez do alvitre) se devia oferecer... Coimbra.

Lisboa 1921.

CARLOS REIS.



TRAZENDO as minhas saudações ao meu antigo Professor, eu não tenho a vaidade de me querer emparceirar com aqueles que justamente o sabem apreciar e hoje o saúdam também. É apenas o affecto que me faz esquecer o meu pouco valor, e são as suas próprias palavras que me encorajam a saudá-lo juntamente com todos os seus amigos. Há meses dizia-me o Mestre numa amabilissima carta, que guardo como precioso tesouro: « Nada mais doce para mim do que obter das minhas discipulas mais affectuosamente estimadas a afirmação carinhosa de que não fui por elas esquecido ». As suas palavras justificam a minha ousadia. As minhas saudações não vão para o grande artista, e sábio Mestre, que é considerado como um dos maiores apóstolos da arte Portuguesa, vão simples e carinhosamente para o Professor querido e bom, a

quem o meu coração tão dedicada e justamente se afeiçãoou. Recordo neste momento de saudade a figura distinta e cheia de interêsse do Mestre António Augusto Gonçalves: O seu aspecto austero, mas atraente, o seu espirito requintadamente amável, a sua palavra espirituosa e cheia de ensinamento. Conhecer o Mestre Gonçalves é impôr ao coração o doce dever de o respeitar, admirar e affectuosamente lhe bem querer.

CATARINA BLANCO.



O NOME de António Augusto Gonçalves há de ficar para sempre na história da arte Portuguesa como um dos mais ilustres. O seu saber, a sua alta competência e o muito que tem pugnado pelo culto da arte em Portugal, torna-o digno da consideração e do reconhecimento de todos os portugueses.

Lisboa, 6 de Março de 1921.

COLUMBANO.



ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

ESPIRITO inteligente e culto, à nossa terra tem dado trabalho de muitos anos, com um desinterêsse material de assombrar os menos egoístas.

Fundando a Escola Livre das Artes do Desenho, e mais tarde dirigindo a Escola Industrial Brotero, A. A. Gonçalves, mostrou quanto valia como Professor; não só iniciando na arte alguns modestos operários, como ainda incutiu em muitos dêles o respeito pela arte e pela arqueologia.

Como artista e como arqueólogo, a primorosa restauração da Sé Velha, o museu Machado de Castro, seriam de sobejo para a consagração de um artista.

Finalmente, hoje, com a mesma energia, com o mesmo ardor

da sua mocidade, A. A. Gonçalves, defende do vandalismo o nosso património artístico.

É, pois, com o maior contentamento, que associo o meu modesto nome, à merecida homenagem que lhe prestam os seus sinceros admiradores.

Março de 921.

COSTA MOTA, SOBRINHO.



ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

NADA melhor nem em conjunto pode documentar o alto valor, a erudição e o amor à sua terra, do notável artista e coimbrão emérito que é o Sr. António Augusto Gonçalves, do que o *Museu Machado de Castro*.

Tem-se falado (e era de justiça), em se lhe colocar ali o busto, mas talvez melhor ainda fôra ali inscrever-lhe o nome e por baixo pôr-lhe, devidamente traduzido, as palavras que há pouco li num formoso discurso sôbre um inglês notável:

« *The work of a man is his sueil anden earth hi unk shall not perish* ».

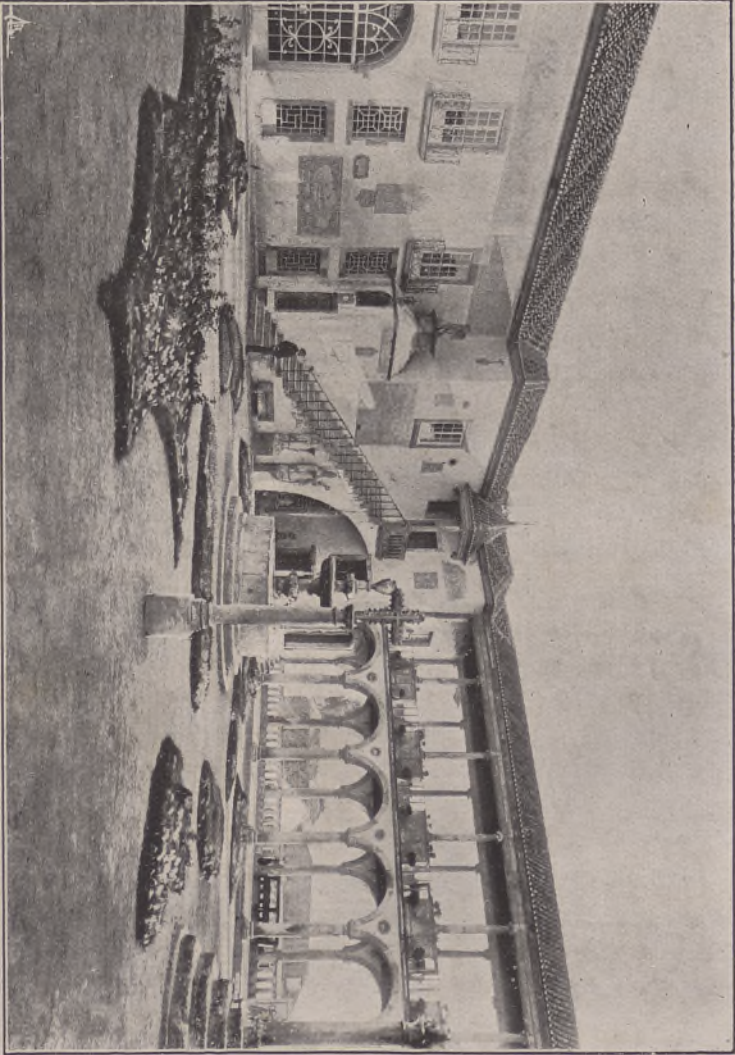
Lisboa, 2-XII-920.

A. COSTA FERREIRA.



ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

QUEM quizer *ver* num simbolismo real e verdadeiro a personalidade do Gonçalves é procurar nas suas obras gráficas a sigla do seu autor. Confunde-se com o desenho, há intenção de que passe despercebido; só quem estiver prevenido e senhor do sêgrêdo é que dá com elas, e, não



Pátio do Museu Machado de Castro

obstante, ¿que riqueza, exuberância, originalidade, delicadeza, coerência, justeza com o *fim* a que o desenho se destina?! Também não é preciso assinatura para se conhecer de quem é o trabalho... Eu não conheço organização tão privilegiada como a dêste *artista*. Esta palavra devia ser poupada, reservada apenas somente para aqueles que, como Gonçalves, fôssem emanados da Arte, como a luz dimana do sol.

Dentre os seus contemporâneos é o autor destas desvaliosas linhas a testemunha que com mais veracidade pode depôr, porque, em virtude de circunstâncias excepcionais da vida académica, teve variadas ocasiões de utilizar do incomparável talento dêste extraordinário *homem*. Quisera ter eu o brilho da dição para lhe iluminar em pleno clarão a estatura; a fluência da frase para lhe traçar a fisionomia moral e a melodia do verso para lhe cantar as virtudes: não há nenhuma delas que *êle* não possua.

Isto não é lisonja que impulsiona a pena: é sim, a atracção magnética da verdade que não pode derivar por outra corrente ou seguir trajectória diversa da justiça! Os *factos*, sem ordem cronológica, sem método, narrados tais quais vão afluindo à memória, demonstrarão que o depoimento é insusceptível de ser contraditado. Vejamos:

¿É ou não omnímota a prodigiosa produção da sua actividade e competência? Quis ser professor e ninguém o excedeu. Quis ser romancista e só lhe faltou fabricar o papel, fundir o tipo, compôr e brochar o livro: o *Assassino de El-Rei*, desde os maravilhosos cartazes de reclamo, que se metiam pelos olhos dentro, pregados nas esquinas de Coimbra, até às belas e insinuantes gravuras das capas, tudo era feito pelo romancista; empolgou o público (e digamos que não era qualquer público), o entrecho está tersamente escrito e nervosamente desenvolvido. E já que tocamos no assunto, compare-se esta primeira tentativa de *ilustrador de livros* com os primorosos trabalhos posteriores, como, por exemplo: as ilustrações do maravilhoso poema do magnânimo Dr. Luís de Ma-

galhões — o *D. Sebastião*, ao qual me prendem tão saudosas recordações. A fala de Nun'Alvares, aí por 1880 (salvo êrro), recitou-ma, ainda em manuscrito, o honestíssimo autor... Outra prova do inexgotável talento do António Augusto é êsse gentil livrinho *Roteiro Ilustrado do Viajante em Coimbra*. ¿Quem o executaria melhor e com mais ternura? Repare-se para a capa. ¡Como se ajeita bem ali o poético brasão de Coimbra, encimando a janela tão característica, poisando com tanta graça no peitoril, o *azado* de Coimbra florido! Não é sòmente nas obras *intencionais* que o carinho do artista se derrete, nas mais insignificantes (insignificantes para os espiritos banais) minúcias emprega o mesmo critério cuidadoso.

Veja-se o reverso do livrinho, onde êle estereotipou o reclamo da *Tipografia Auxiliar de Escritório*, que pertence a Albino Caetano da Silva (outra modestíssima e exemplaríssima personalidade, protótipo do amigo, espelho do industrial honrado, inteligente, prudente e sabedor). Aqueles anjinhos não são os anjos mandriões do costume, estes, mechem-se, todos trabalham. Quis ser jornalista; um dos primeiros jornais que criou era *êle* quási tudo; desde a vinheta do titulo até à notícia instrutiva, tudo era dêle. Chamava-se *Lucerna* e o 1.º número tem a data de 15 de Janeiro de 1878: é especialmente destinado às Oficinas, às Artes e Artistas de Coimbra, sempre sua constante preocupação: elevar o Artista, beneficiar a terra que lhe foi berço. Neste critério quis fundar uma Escola, onde os operários se dedicassem com segurança, não andassem à matroca, sem direcção inteligente e sem competência, para serem guiados, e surgiu essa prestante *Escola Livre das Artes do Desenho*, a qual mui semelhante a um rio caudal, nasceu duma pequena fontinha que, de feira em feira, se transformou em lago, e, daqui, galgando de ravina em ravina, engrossou, e rega e lima os campos da arte, produzindo, entre outros, os sazonados frutos — Costa Mota o consagrado escultor e o santo João Machado... Êste Machado no meu tempo de Coimbra, tinha oficina de canteiro na Sofia; e, sob a ins-

piração do Gonçalves, criou as maravilhas da estatuária do Hotel do Bussaco. Eu confesso-o: ainda me não esqueceu a impressão de religiosidade que me causou quando encarei com a Senhora da Vitória: fez-me recuar séculos, mas admirar essa criação com as correcções dos séculos vindouros!

É uma maravilha em toda a parte do mundo. Gonçalves quis ser polemista e foi o mais enérgico dentre os mais famosos; temeram-no os que julgaram que aquele aspecto de modestia, aquele tímido, não teria força para arremeter contra os insolentes e levar de vencida os que se blasonavam de *autoritários* e *autorizados*; enganaram-se, porém, e redondamente, por que não tiveram outro remédio senão recolherem-se a um silêncio prudente, visto que o *saber de experiência feito* do Gonçalves mais uma vez demonstrou que é perigoso meter fouce em seara alheia...

Quis ser professor da Universidade; as portas do Templo abriram-se-lhe de par em par e os *empenhos* de que se serviu estão encaixilhados num dos gabinetes da Biblioteca — são umas belíssimas aguarelas de mão de mestre.

Colaborou na *Gazeta de Coimbra*, na *Oficina*, no *Defensor do Povo*, no *Jornal para Todos*, na *Gazeta Ilustrada*, no *Alarme*, na *Resistência*, na *Semana Ilustrada*, na *Arte e Natureza em Portugal*, etc.

Quando foi do Centenário de Camões em Coimbra eu vi-me embaraçado, porque a rapaziada *queria* erigir um monumento a Camões, mas o dinheiro era pouco, os *projectos* eram bastantes e mediocres, fui-me valer do Mestre e sob a sua sábia direcção surgiu *aquilo*, que foi pretexto para as mais sentidas, sinceras, retumbantes festas que em Portugal se fizeram e, por mais esforços que se empregaram para que o Gonçalves aparecesse e se mostrasse não houve de quê. Se o cortejo, que lhe passou pela porta, o aclamou e vitoriou é por que não pôde fugir da janela onde estava escondido. Nessa ocasião compôs êle um busto de Camões em pasta; é a cabeça mais bem modelada, e a attitude mais ousada que a Arte por-

tuguesa produziu, comparada com o que de melhor no género se admirou. Êsse busto gigantesco ostentava-se no meio do palco do saudoso Teatro Académico, tendo por fundo scenográfico a lendária *Fonte dos Amores*, porque o Gonçalves também é scenógrafo. A scenografia da récita do meu 5.º ano (1880 a 1881), de que eu, à falta de melhor, fui o auctor — *Três sábios no 90.º paralelo norte* — grande trapalhada em 3 actos, em que 3 sábios de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, como nos combóios, vão ao polo norte para implantar o sistema constitucional e nem lá pegou, o scenário, o do polo, o da *fabulosa* tribu dos Saynas, o do Supremo Tribunal, dos Oropankés, a Feira Nova de Coimbra, é do Gonçalves...

¿Então é ou não é verdade que seja qual fôr o assunto que diga respeito à Arte, conquanto o fim ou seja sublime ou salutar, útil ou profícuo, patriótico ou benéfico, batendo-se à porta desta individualidade de excepção, recebe-se sempre a esmola espiritual do seu generoso auxilio?

É claro, como árvore carregada de bons frutos, têm-lhe atirado pedras; não o conturba a inveja; com uma abnegação de santo e com a coragem de herói, põe à disposição de quem o procura toda a sua actividade e todo o seu amor. Amor, sim. É amor que êle dedica aos que nele confiam.

¿Quem será tão cego que não queira ver a prodigiosa influência do seu critério, actuando no desenvolvimento da cerâmica regional? ¿E a serralharia? ¿que sobriedade? ¿que juízo? ¿que respeito pela matéria prima? ¿Que longe estamos dessa prodigalidade canhestra, sem tom nem som, empregada, a que a falta de senso assistiu? Não há melhor prova do que o exemplo e o Gonçalves quando ensina *mostra* com a sua obra como se deve produzir. E assim é escultor e pintor e gravador, e architecto. ¿Não transfigurou êle a românica Sé Velha, lavando-a das máculas com que sucessivas ignorâncias a conspurcaram?

Eis o arqueólogo teórico e prático.

Eis o crítico abalizado que aos olhos expõe materialmente o que o seu espírito pensa... ¿Quem se lhe avantaja? Diga-se.

É uma síntese de aptidões. Lembro-me (e de repente) um facto que continua a provar que para êste mestre não há dificuldades: No meu tempo de Coimbra appareceu um artista, cujo nome me não ocorre, que foi o assombro do país, pois pintava em 5 minutos um quadro a óleo de razoáveis dimensões no palco dos teatros. O Teatro Académico encheu-se, o artista cumpriu, e todos ficaram espantados do resultado. ;Qual não foi, porém, o nosso assombro quando Gonçalves, daí a poucos dias, no mesmo palco, executava um belo quadro — um castelo em chamas, ceu esbrasiado, cheio de luz, clari-
dade, transparência, movimento e em menos tempo do que o anunciado? ;Não faz lembrar isto a anedota do veronês que, chamado pelo pai para almoçar, pediu uns momentos de demora porque estava a acabar de pintar os 12 apóstolos?

; O que se deve concluir de tudo isto?

Que é uma individualidade rara; para êle não há dificuldades na vida: tudo resolve, tudo prevê, tudo remedeia; não deve morrer.

Coimbra *deve-lhe*, em vida, erigir uma estátua; não faltam discípulos seus, outros tantos devotados admiradores, que perpetuassem com carinho, veneração e reconhecimento a memória do grande Mestre, do sublime Patriota, do incomparável Amigo, do piedosíssimo Filho e do modelar Cidadão.

O acaso às vezes é um grande juiz.

Há um grupo fotográfico, instantâneo, do Gonçalves, de Joaquim de Vasconcelos e do Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho... ;Que três grandes competências! ;Como estas três personalidades se completam!

Amarante — 6 de Março de 1921.

DOMINGOS RAMOS.



Coimbra 31-VII-1921.

Ex.^{mo} Sr.

Meu Prezado Colega e Amigo

COM a maior satisfação do meu coração e do meu espírito me associaria à justa homenagem hoje prestada ao grande artista António Augusto Gonçalves, se não fôsse a prosaica circunstância de não me poder calçar e portanto de não poder sair de casa.

Na impossibilidade de ir pessoalmente, rogo a V. Ex.^a a fineza de, em meu nome, apertar com o maior enternecimento, as mãos abençoadas do ilustre Mestre que tão belas coisas tem executado e que tão grandes benefícios tem derramado sôbre a nossa linda e querida terra.

Com a maior consideração — De V. Ex.^a — Adm.^{or}, colega e amigo m.^{to} grato.

EUGÉNIO DE CASTRO.



ANTÓNIO Augusto Gonçalves representa na sua compreensão nítida da arte o defensor infatigável das preciosidades artísticas da região de Coimbra, e o Mestre Querido que conseguiu aqui desenvolver, com a sua superior orientação com aprimorado sentimento artístico, e criar com acendrado carinho uma Escola de Arte que será uma glória para Coimbra.

Com o maior prazer e entusiasmo aqui deixo consignadas as minhas mais enternecidas saudações ao Mestre, ao Amigo, ao Homem de real e admirável valor.

Coimbra 31-VII-21.

FRANCISCO M. DA COSTA LOBO.



SEMPRE O MESMO

TRES dezenas de anos são passados depois que conheci em Coimbra António Augusto Gonçalves, que tinha alguns anos mais do que a idade dos estudantes dessa geração de 90, mas o seu espírito era tão jovem como o nosso na defesa dos ideais republicanos.

Admiravamos a sua alta cultura artística e eu estou sempre a ver diante dos meus olhos aquela figura esguia, eternamente moça como a sua fé.

Agora, através destas resmas de papel burocrático, ainda me aparece sempre o mesmo Gonçalves, intransigente na defesa do nosso património artístico, republicano sempre e sempre com o mesmo espírito scintilante de homem a quem os anos não torcem a sua alta envergadura moral, que jamais envelhece.

Não envelhece também a minha admiração por êle. É a mesma dos tempos de Coimbra. ¿A mesma? não. É cada vez maior.

5-3-921.

GERMANO MARTINS.



VERDADEIRO PATRIOTISMO

OSCEPTICISMO literário do século XIX trouxe a Portugal e aos portugueses três calamidades fundamentais, cujas influências têm sido profundamente desastrosas naquela marcha progressiva de civilização a que todos os povos têm o dever de estar atentos. Essas três calamidades foram: o preciosismo, a pretenção e a inveja. De criatura lavada e assoalhada de franqueza e sinceridade, o português passou a ser ridiculamente precioso, pretencioso, — e con-

cluamos o pensamento e a rima! — profundamente invejoso.

Foram três males imensamente corrosivos e destrutivos que reduzindo homens bem dotados a seres inferiores não deixaram de atingir os mais altos espíritos, e o tristemente certo é que tôda a obra de pensamento em Portugal nesse período, em especial desde o declinar do romantismo até ao fim do século, é uma envenenada e terrível obra de destruição, de descrença, de negativismo e de inveja.

Ao povo português, por um pretendido espírito de análise que era no fundo um odioso *parti-pris*, negou-se tudo. Negou-se a elevação moral, a grandeza cívica, as qualidades brilhantes da raça, o espírito de iniciativa, as exigências de cultura, o valor intelectual, a vitalidade, a fôrça construtiva, e tudo o fez o negativismo imensas vezes por inveja, outras por petisqueice, e sempre para se dar ares.

Entre tudo o que mais insistentemente se negou conta-se a nossa sensibilidade espiritual e artística, e eu ponho de parte, para ocasião de mais desafogados limites, a afirmação documental dêste êrro criminoso e profundo, para acentuar que tendo chegado o momento de se estabelecer uma reacção salutar e vigorosa, essa reacção não faltou à hora precisa das afirmações.

Homens de fé, homens de patriotismo, homens de estudo, uns pelo exame atento do Passado, desde Inácio de Vilhena Barbosa a José de Figueiredo, Manuel Monteiro, José Fortes, Martins Sarmiento, Luís Augusto de Oliveira, José Queirós, Joaquim de Vasconcelos, Rocha Peixoto, Leite de Vasconcelos, Ricardo Severo, Albano Belino, Vergílio Correia — ¡ quantos ! ¡ quantos ! — outros pela afirmação da própria obra desde Soares dos Reis a Silva Pôrto, a Carlos Reis, a Malhoa, a Columbano, a Sousa Pinto, a Marques de Oliveira, a Teixeira Lopes, a Veloso Salgado... ¿ como citá-los a todos ? — tôda uma geração que é tôda uma glória se tem incumbido de destruir a velha e estreita mas cómoda tarefa da negação e bota-abaixo, para

proclamar bem alto e com provas à vista que aquele mesmo Portugal que brilhantemente acompanhou todos os movimentos universais do progresso humano, acompanhou com o mesmo ardor, a mesma elevação e o mesmo entusiasmo, os movimentos artísticos.

Nessa geração reabilitadora existe como figura de luminoso destaque o nosso António Augusto Gonçalves. Ele é o ardor sempre juvenil, a sagacidade sempre aguda, a firmeza nunca esmorecida e a reflexão culta na devoção ardente postas ao serviço da valorização das nossas aptidões realizadoras, do nosso interesse espiritual, e da sua contribuição admirável em tão útil como precisa obra de afirmação e vitalidade fá-la vibrando como um clarim de triunfo tôda a sua forte e laboriosa existência.

Quisera traçar em linhas de intenso relevo e sólida estrutura todo o valor do seu esforço. Não me é permitido neste pequeno concurso de consagrações. Que me alegre ao menos a idea de que lhe não faltou o *bouquet* de rosas frescas das minhas homenagens, e essas aqui as tem, colhidas nos melhores canteiros da minha devoção.

22-XI-921.

GUÊDES DE OLIVEIRA.



Ao Meu querido Mestre Ex.^{mo} Senhor António Augusto Gonçalves, a quem devo o carinhoso e elevado ensinamento que constitui a base da minha educação científica e artística, tenho a satisfação de testemunhar a minha profunda admiração pela sua acção tão enérgica como persistente, pela sua extraordinária obra de renascimento artístico desta formosa e tradicional região de Coimbra, e de deixar aqui consignada a minha eterna gratidão.

GUMERSINDO SARMENTO DE FIGUEIREDO DA COSTA LOBO.



E eu? ¿Que lhe hei-de eu dizer do António Augusto Gonçalves? Conheço-o mal, mas o suficiente o conheço para sentir que, a-proposito dêle, cumpre conter o jacto das banalidades. De perto, vi-o apenas uma vez, em Leiria, quando os «amigos do Castelo» tratavamos de obter do Govêrno a consolidação da linda ruina trovadoresca. Tenho apenas na memória, assim directamente colhida, a impressão do seu perfil de retrato flamengo, na moldura branca de cabeleira e barba, no branco envasamento de gravata e peitilho.

‡E que bem ficava aquela cabeça móbil e tão viva, sôbre aquele esguio corpo de asceta — ave meditativa e branca que houvesse pousado, românticamente, sôbre a fidalguia lutuosa dum cipreste! Quási sempre silencioso, mas do silêncio que propicia os longos monólogos interiores, adivinhados não recorde já em qual gracioso estribilho.

Perfeita correcção de maneiras — o vinco da sua fisionomia moral mais apreensível para os antigos discípulos do professor de *Desenho filosófico*... ‡Mas, combinação, no cadinho da minha sensibilidade, de todas estas impressões que viva e nua impressão de criatura que a vida mal roçada, que, para a atravessar ileso e imáculo, no próprio invólucro material preparava o ambiente de serenidade claustral necessário ao ascetismo do seu pensamento de artista!

Mais tarde, em Coimbra, vi-lhe a obra religiosa, de emoção e talento. ¿Que lhe direi dela, senão que me comoveu e educou? ¿Quem é que em Coimbra, sede de bispado e centro universitário, mais apostòlicamente e mais pedagògicamente tem criado obra educativa?

Creio bem que ninguém.

E é bem natural que assim seja.

Em meio da confusa tagarelice bacharélica, António Augusto Gonçalves silenciosamente medita e reza — reza ao Passado, à Beleza o intérmino rosário dos seus pensamentos, dos seus carinhos e dos seus cuidados; — e até, para que mais

monásticamente lhe decorra a vida, não lhe faltam ensejos de sofrer a dôr do sacrificio inútil de arder na chama das dedicações redentoras que não cessam os pecados simiescos dos velhos e dos novos iconoclastas, {não é verdade?...

.....

HERNANI CIDADE.



CORRI tôdas as faculdades e vivi nas três Universidades do país, caso único, segundo creio, em escolares portuguezes.

Com tristeza o digo: da infinidade de professores, que eu conheci, raros, muitos raros deixaram na minha cançada memória rasto de simpatia. E, dentre esses poucos, só um evoco, pelo entusiasmo do ensinar, a pureza de intentos, a nobreza do trato e os mil detalhes que desenham a figura moral, como o tipo perfeito do Mestre-apóstolo.

E êsse velho Mestre, perante quem o louco discípulo de então se curva com veneração enterneçada, é A. A. Gonçalves.

JAIME CORTESÃO.



ANTÓNIO Augusto Gonçalves é o nome de um apóstolo privilegiado ao qual o destino concedeu a rara fortuna de nos inflamar no espírito a fé e o culto da beleza que o arrebatou, suavizando-nos dêste modo as durezas da vida côm aquela noção de nobreza e beatitude que a posse da beleza confere. Duplamente illustre engrandeceu e honrou a nação a que pertence, já pela demonstração das superiores qualidades da grei que nele encarnaram, já pelas obras práticas que rea-

lizou, descobrindo os tesouros artísticos da pátria e interpretando-os, enquanto simultaneamente os tornava em educadores e criadores de beleza que analtece a dignidade e a ventura de um povo.

Exige a justiça que lhe tributemos o respeito e a veneração que ao mérito pertence. Para isso correm a saúdá-lo num câoro de louvor, muitos e dos mais elevados daqueles que provadamente têm autoridade para julgar o mérito e atribuir a sua corôa a quem de direito a conquistou.

A êsse cortejo magnífico terei a ousadia de me associar, e fazendo-o sentir-me-ia de imperdoável jactância, se um murmúrio misterioso não me afoitasse, assegurando-me que a grandeza, onde realmente subsiste, como o homem notável ao qual agora rendemos acrisolado preito, não só é generosa admitindo á sua presença os maiores e os mais pequenos, mas completa-se por certa comunhão, abrangendo tôdas as esferas nas quais uniformemente se dilata, a nenhuma recusando os benefícios do seu influxo, a todos tendo a transmitir qualquer cousa que induz em gratidão e reclama a sua confissão. E António Augusto Gonçalves pertence a essa categoria de grandeza; uma individualidade de sôbre humana energia infatigavelmente revolvendo o passado para do passado desentranhar as copiosas jóias do nosso património artístico dêle tirando não só motivos de salutar contemplação que nos cativa e fortifica, dulcíssimo sustento espiritual, mas também razões de ser e proceder do presente, enraizando-o na inspiração do passado e na sua fecundidade redentora, conjugou numa só aspiração coroada de êxito, o trabalho do mineiro e a liberalidade do sementeiro.

Com uma intuição maravilhosa e uma felicidade absoluta, suscitou prodígios de actividade prática a-par dos impulsos íntimos, e ao fim vê concluída uma obra de ressurreição que, muito mais do que o capricho brilhante de um artista e muito superior à delicadeza e delícia de sensibilidades eleitas, é claramente uma obra de reconstrução nacional interessando tôdas as classes, uma obra popular no sentido mais puro da

palavra, atingindo as mais recônditas camadas duma raça e preparando-as para superiores destinos.

¡Honra lhe seja! ¡E Deus a conserve e acrescente em dilatados anos do seu autor! São os votos ardentes dos que estremecem tanto como veneram aquele que a fundou, guarda e adorna de continuadas perfeições.

Eixo, 12 de Julho de 1921.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA.



AVIDA de António Augusto Gonçalves (da sua arte, eu que não sou crítico de arte, não devo nem posso falar...) é uma lição para todos os portugueses de hoje. Lição de equilibrio entre o amor reflectido do Passado e a compreensão exacta do Futuro — lição que se nos torna sensível, palpável, evidente por estes dois exemplos supremos: — a ressurreição da Sé Velha, a criação do ensino profissional e regional em Coimbra. Amando a tradição, António Augusto Gonçalves fez do seu culto o grande motivo orientador duma nobre actividade patriótica. Desejando para o seu país um melhor e maior porvir, e por êle trabalhando com ardor incessante, realizou a sua obra de educação apoiando-a nos sólidos alicerces da vida artistica da nacionalidade. Benemerito de Coimbra — é assim um benemérito da Pátria. E nesta hora de indeciso alvorecer da energia lusitana, o seu esforço admirável e raro fica sendo um marco de fé e de esperança no caminho vitorioso de Portugal.

JOÃO DE BARROS.



RELEMBRANDO

QUE escreva eu, diz o Senhor Doutor Júlio Henriques. Mas o que posso eu escrever em colaboração com poetas, literatos, professores e tantas outras pessoas ilustres! O que poderei eu escrever em homenagem a um cidadão por tantos títulos distinto como é o senhor António Augusto Gonçalves?

Eu que não possuo cultura literária, que sou obrigado, pelas circunstâncias, a trabalhar todos os dias de manhã até à noite, a desbastar e afeiçoar a pedra alva e dura, ouvindo-a gritar constantemente a queixar-se da maneira rude com que a trato!

Sim o que poderei eu dizer, tendo a certeza da minha incompetência?

No entanto reconheço o dever de aceitar o honroso convite para colaborar em tão justa e merecida homenagem ao benemérito e ilustre a quem as artes portuguesas tanto devem.

A sua obra é tão vasta, tão grandiosa, que não está nos limites das minhas fracas aptidões o poder enumerá-la e descrevê-la com o esplendor que merece. Limito-me pois a repetir o que centos de vezes tenho afirmado publicamente.

Durante 41 anos foi o senhor António Augusto Gonçalves o meu guia, o meu mestre, o meu melhor amigo.

Foi com sua Ex.^a que completei a minha humilde educação cívica e que aprendi a respeitar e adorar, as mais velhas e comovedoras obras de arte. Foi com sua Ex.^a que durante êsse período de tempo me encontrei sempre nas minhas horas de alegria e de amargura, sentindo-o regosijar-se com os meus progressos, ou ouvindo-lhe as suas sugestivas palavras de conforto nos meus momentos de desgosto e contrariedades.

E é prestando culto a essa santa e respeitável amizade que me sinto orgulhoso, quando Sua Ex.^a recebe os frutos de tanto trabalho e dedicação, erguidos em peitos sinceros como os que acaba de receber no último congresso da Beira.

É isto o que sente, o que pensa e o que com toda a sinceridade depõe o seu mais humilde discípulo.

29 de Julho de 1921.

JOÃO MACHADO.



CONVIDADO a manifestar a minha opinião sôbre a individualidade de António Augusto Gonçalves, só posso fazê-lo como velho colaborador na obra empreendida da instrução profissional.

É êsse o único título que invoco e, que talvez justifique esta audácia que seria pretenciosa se não fôsse muito sincera.

Há muitos anos que conheço António Augusto Gonçalves, e admiro e aprecio como raro exemplo de tenacidade na benevolência com que êle professa o ensino, sem reparar sequer na ingratidão com que geralmente lhe pagam, prodigalizando a todos, os conhecimentos do seu vasto e culto espirito artistico.

É um homem respeitável pelo seu carácter e pelo seu valor, a quem a sua querida Coimbra deve assinalados serviços.

Lisboa, 15 de Março de 1921.

JOÃO VAZ.



ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

COMO o tempo vôa!

Há quasi meio século, desde que em Coimbra, devido à generosidade de um bom irmão, fomos encetar os nossos primeiros estudos, que nos habituámos a admirar o talento invulgar e as excepcionalíssimas faculdades de trabalho

de um dos mais inteligentes e prestimosos filhos daquela cidade, A. A. Gonçalves, com cuja inalterável estima muito nos ufanamos, e a quem, no presente momento, um grupo, que se destaca dos seus numerosos admiradores, pretende prestar mais uma carinhosa homenagem, talvez tão prescindível como justa.

E por que nos pedem a nossa humilde opinião acêrca de tão distinta personalidade, nos vemos forçados a colaborar neste precioso documento, como que acarretando um pequeno calhau para a construção do soberbo edificio.

Entre os muitos factos notáveis, realizados em Coimbra, devidos à sua fecunda iniciativa, irresistível tenacidade e modelar espirito de organização, figuram a *Escola Livre das artes do Desenho*, da qual também fomos uns dos seus modestos fundadores; a *Exposição Distrital*, há anos efectuada com tão brilhante successo; a criação do *Museu Municipal*; a organização do *Museu Machado de Castro*, e o glorioso cortejo cívico, na mesma cidade realizado em 1890, à memória do célebre estadista, também conimbricense illustre, Joaquim António de Aguiar, que no Barreiro falecera em 1874.

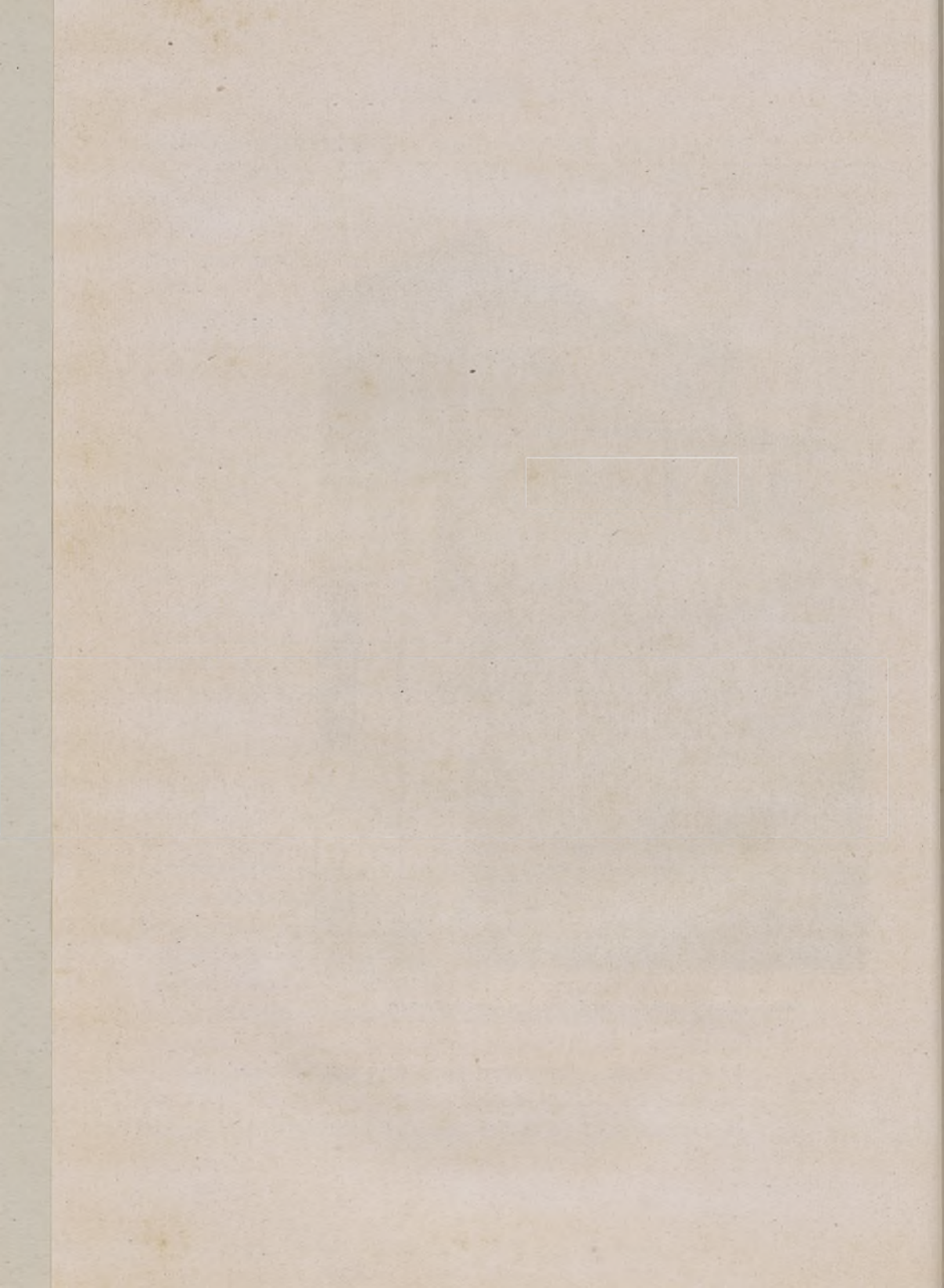
A propósito dêste último facto, publicamos na *Semana Illustrada* que, ao tempo dirigíamos o retrato de António Augusto Gonçalves, acompanhando-o de alguns periodos, entre os quais se lê o seguinte :

«Conhecemos A. A. Gonçalves ha muitos annos e sempre o tivemos na conta dum talento pouco vulgar, trabalhador incansavel e artista emerito, qualidades estas que, nos ultimos tempos bem se teem evidenciado em enumeras manifestações do seu profundo estudo e notavel aptidão, a despeito dos muitos detractores que o rodeiam e se sentem humilhados pelo seu triumpho».

Trinta anos são idos e mais convictos estamos da verdade do que então escrevemos; daí, o limitarmo-nos à transcrição integral dêsse periodo, deixando a outros, que dispõem de



Edifício onde está instalada a Escola Livre das Artes do Desenho



riquíssimos materiais, que não possuímos a edificação da estátua da sua apoteose, a que múltiplas causas lhe dão incontestável direito.

Lisboa 8 -XII-921.

JOSÉ AUGUSTO PIMENTA.



TODAS as homenagens que se prestem a António Augusto Gonçalves serão poucas. Raros serão na verdade aqueles que, mesmo em uma longa vida como a sua, tenham prestado ao seu país os serviços que êle já lhe prestou.

Com sacrificio dos seus interesses e da sua saúde, António Augusto Gonçalves, tendo-se traçado um plano, tem-no executado sem um único desfalecimento, e o resultado do seu ininterrupto e meditado labor é bem patente nos seus inúmeros trabalhos, em que avultam a restauração da Sé de Coimbra, a organização do Museu Machado de Castro e a criação da Escola Livre das Artes do Desenho.

E como essa obra, verdadeiramente excepcional, é orientada pelos mais puros ideais, a sua acção e influéncia moral não são nem menos prodigiosas nem menos grandemente frutificadoras. Sem exagêro, pode dizer-se que António Augusto Gonçalves criou, na sua terra, uma verdadeira atmosfera de arte, e a Coimbra que êle deixará um dia — Deus queira que muito tarde, — quando os seus olhos se cerrarem para sempre, será, sem dúvida, uma Coimbra bastante maior do que aquela que êle encontrou, ao iniciar a sua vida de artista, porque, embora os iconoclastas não tenham ali infelizmente acabado, êle enriqueceu-a com essa fôrça enorme e singularmente maravilhosa que é a dos homens que sabem compreender as obras de arte e amar, nelas, com o esplendor da sua beleza, o seu significado espiritual e histórico.

Janeiro de 1921.

JOSÉ DE FIGUEIREDO.

Director do Museu Nacional de Arte Antiga.

TENHO no mais alto aprêço as qualidades pessoais e o merecimento artístico de António Augusto Gonçalves, um benemérito da arte e da sua cidade natal, à qual tem prestado relevantíssimos serviços no campo da instrução e no da protecção aos monumentos históricos e arqueológicos.

Março de 1921.

JOSÉ LUÍS MONTEIRO.



TENHO o maior prazer em deixar aqui afirmada a minha sincera admiração pelo Ex.^{mo} Sr. António Augusto Gonçalves, a cuja cultura e sentimento artístico a arte do nosso país já tão úteis serviços deve, como o da restauração da Sé de Coimbra, o renascimento da nova indústria de ferro forjado e a excelente organização do precioso Museu Machado de Castro.

Lisboa — 10 de Março de 1921.

JOSÉ MALHOA.



NESTA cidade de Coimbra — onde a Indústria atrevidamente retalha, banaliza, destrói a paisagem; e o labor dos homens é quáse nulo, e, como o herói do Eça, o mais illustre é o que menos produz; — António Augusto Gonçalves é uma individualidade excepcional de relêvo e de benemerência. Através de uma longa vida pròdigamente espalhou, ensinando, o muito que sabe do seu mister de artista. E não contente com edificar assim na alma humana, todo se entregou a restituir uma clara fisionomia de maravilha às pedras illustres do Passado, ou mascaradas ou meio-destruídas. Pela sua mão rejuvenescem os velhos monumentos. E esta vida nova que os anima, os restaura, os desenruga, liga indissolúvelmente o nome de António Augusto Gonçalves à beleza de Coimbra.

DOM JOSÉ MANUEL DE NORONHA.

O CULTO da arte em Portugal tem ainda hoje — ; honra nos seja! — alguns grandes sacerdotes. Um de êles, dos maiores pela universalidade da cultura, dos mais convictos pela sinceridade do sentimento, dos mais encantadores pela modéstia do trato — é Mestre António Augusto Gonçalves. Uma vida inteira consagrada ao culto da beleza, à religião veneranda do passado, à sábia reconstituição dos velhos monumentos, à guarda e ao inventário erudito dos tesouros da arte nacional, ao desenvolvimento carinhoso das indústrias artísticas portuguesas, à organização de Museus e de escolas, à criação de gerações de obreiros capazes de trabalhar, como outrora, o ferro, a madeira e a pedra, — fez dêste glorioso Mestre um dos maiores portugueses do seu tempo, tornou-o credor da gratidão de todo o país, e perpetuá-lo há na tradição como o verdadeiro santo padroeiro da rica e saborosa arte coimbrã.

JÚLIO DANTAS.



QUEM, como o Sr. António Augusto Gonçalves, fundou e por largo tempo dirigiu uma Escola livre das artes do desenho, da qual saiu uma pléiade de artistas convenientemente educados e bem orientados;

Quem, como êle, a-pesar-de tôdas as dificuldades, conseguiu com muita sciência e consciência restaurar por completo a velha catedral coimbrã;

Quem, como êle, organizou em Coimbra o primeiro Museu de arte no Instituto e a seguir com zêlo, actividade e competência não vulgares o Museu Machado de Castro;

Adquiriu o direito a ser respeitado por todos.

Coimbra — 25 de Dezembro de 1920.

JÚLIO A. HENRIQUES.

ENTRE les souvenirs de tous les monuments et institutions de Coimbra que j'ai vus, celui du Directeur distingué de son Musée des Antiquités me restera un des plus agréables et intéressants.

LANCELOT D. CARNIGIE.

Ministre de Grande Bretagne.



VÁRIAS FORMAS DE CANÇÕES POPULARES

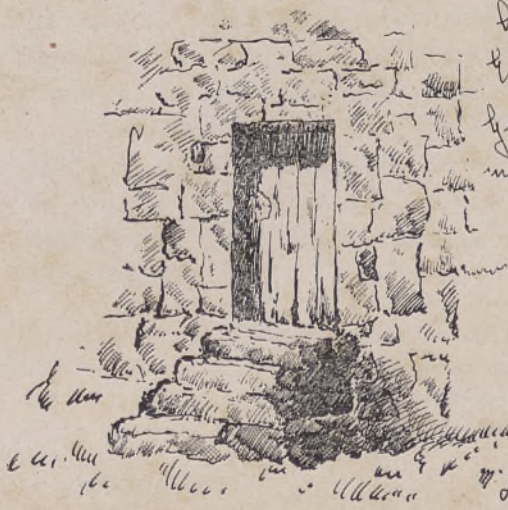
(AO ILUSTRE ARTISTA ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES :
PREITO DE VENERAÇÃO)

A FORMA usual das nossas cantigas populares tem êste tipo: *a b c b*, isto é, rimar o 2.^o verso com o 4.^o, ficando sem rima o 1.^o e o 3.^o, por exemplo:

Quem me dera ser ditoso
Como o linho que fiais!
Quem me dera tantos beijos
Como vós no linho dais!

São assim a maior parte das cantigas que se cantam por todo o Portugal, sobretudo no Norte (Trás-os-Montes e Entre-Douro e Minho), no centro (Beira), e na Estremadura. No Alentejo, porém, a par com o tipo *a b c b* cantam-se cantigas de tipo *a b a b*, isto é, em que os versos pares e os versos ímpares rimam entre si, dois a dois, — cantigas que se chamam *quadradas*, e que se ouvem, por exemplo, nos concelhos do Alandroal e Redondo. A respeito delas publiquei em Elvas, em 1916, um opúsculozinho com o título de *Cantigas «quadradas»*. Eis uma amostra:

Oliveiras, oliveiras,
Ao longe são olivais;
Por muito que tu me queiras,
Ainda te quero mais!



Do ilustre professor
 Sr. Lu.^o Antonio Augusto
 Goncalves, oferece com
 muita estima e admiração

Uma antiga discipula

M.^o Julia Henriques de S. de Azevedo
 Junho de 1921



Ao mestre
 A. A. Goncalves

1921. 27. 11

As *cantigas quadradas* constituem o tipo mais perfeito que as quadras podem atingir, bem diversas das de tipo *a b c d*, (graciosas), em que não rima nenhum par de versos, e que por vezes se denominam *cantigas de pé quebrado*.

Os cantadores do Sul, tanto no Alentejo como no Algarve, além de, como disse, aperfeiçoarem a quadra, fazendo rimar os quatro versos (dois a dois), costumam modificá-la de outro modo, como vamos ver. Nos *despiques* ou desafios, canta um, por exemplo:

Em sete palmos de chão
Se sepulta um corpo humano:
Depois da terra batida,
Fica tudo em chão plano!

e outro responde:

Se não é do teu gosto (1).
Valha-te Deus — quem te obriga?
Fica tudo em chão plano
Depois da terra batida!

cantigas que ouvi em Beja. A 2.^a cantiga, que serve de resposta à 1.^a e em que se repetem dois versos de estes, chama-se *dobra* ou *droba*; a 1.^a fica-se chamando *singela*. A cantiga total, composta de duas quadras, tem o nome de *dobrada*. Uma cantiga *singela* tem pois quatro pontos ou versos; uma cantiga *dobrada* tem seis, com mais dois que já se cantaram.

Em Castro-Verde dobram as cantigas de dois modos: nos *despiques*, como fica dito, isto é, repetindo na 2.^a cantiga dois versos da 1.^a; nos *bailes de roda*, repetindo noutra ordem, ao mudar de par, três da 1.^a, por exemplo:

Delicado é o fumo,
Que passa a telha dobrada,
Delicados são teus olhos,
Que namoram por pancada,

(1) No canto deve soar: *di o teu gôsto*, já o verso não ficará cataléctico.

Que namoram por pancada,	} <i>dobra da cantiga</i>
Delicado é o fumo,	
Delicado é o fumo,	
Que passa a telha dobrada.	

A estes dois modos ouvi dar no Algarve nomes diferentes: *cantigas dobradas*, e *cantigas repetidas*. Temos uma cantiga dobrada em:

Já te tenho dito
Que não vás ao poço,
Toma lá dinheiro,
Ajusta um moço.

Ajusta um moço
Ajusta um rapaz:
Já te tenho dito
Que ao poço não vás!

e uma *cantiga repetida* em:

Maria, dá-me o teu nome,
Qu'eu também quer'ser Maria,
As Marias são alegres,
Eu quero ter alegria!

Eu quero ter alegria,
Eu quero ter alegria,
Maria, dá-me o teu nome,
Qu'eu também quer'ser Maria!

A razão destas repetições e variações está em as cantigas serem cantadas sucessivamente por duas pessoas.

Campolide, 18 de Dezembro de 1920.

J. LEITE DE VASCONCELOS.



ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

NA minha já longa existência, quantas vezes ouvi pronunciar o nome glorioso de António Augusto Gonçalves, artista que é ao mesmo tempo, professor,

arqueólogo, e um erudito de extraordinário talento, que inunda o campo da arte portuguesa com a luz quente do seu profundo saber!

Por isso me associo de todo o coração, à justa homenagem que neste momento se lhe tributa e me enfileiro, gostosamente, na vasta côrte dos seus admiradores e amigos à qual me orgulho de pertencer, contribuindo nas minhas fracas fôrças, para uma consagração que os seus trabalhos lhe conquistaram e a que êle tem, por isso, incontestável direito.

Lisboa, 14 de Março de 1921.

LUCIANO LALLEMANT.

Artista gravador.



LAMENTÁVEL é, que aos vindouros, respeite o fazer justiça e inventário do que de bom se produziu numa dada época, tornando extensivos os merecidos louvores a tôda uma geração, quando só uma minoria os justifica; e mais lastimoso ainda, sem dúvida, que se meça geralmente o valor dos contemporâneos, pela baixa craveira que as ruins paixões mantêm e a todos avilta.

Uma vez ou outra, um raio de luz dissipa essa treva de sentimento, e algum nome ilustre é pôsto em evidência fazendo-o sair do retraimento a que voluntariamente se condenou, mercê do desprezo pela maldade e ignorância da maioria. É-nos dado registar essa pouco vulgar iniciativa de homenagear um nosso contemporâneo, cabendo agora a merecida honra a António Augusto Gonçalves.

Um lampejo de justiça vai atingir êsse infatigável trabalhador patriota, esclarecido e notável artista, honrando-lhes os altos méritos, quer como educador, quer como erudito e cuja bondade a todos comove. A sua dedicação pelas obras de arte do seu país e principalmente no que respeita à sua querida Coimbra, deve orgulhar particularmente essa cidade, por

o contar entre os seus cidadãos mais ilustres. Glória pois a tão ínclito professor e devotado propagandista de altos ideais artísticos.

LUCIANO MARTINS FREIRE.



ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

VAI há mais de vinte anos que os Fados me deram a fortuna de conhecer esta figura inconfundível. Era já então um dos ídolos da minha mocidade em flor.

A êle me conservei inalteravelmente fiel pelo culto duma carinhosa amizade e pelo fervor duma crescente admiração.

Nem podia deixar de ser assim pois que a vida de António Augusto Gonçalves é uma lição nobilíssima de virtudes, e, nos domínios da arte, a afirmação dum valor complexo sem confrontos possíveis na sociedade portuguesa sua contemporânea.

À parte as qualidades herdadas e a sumária educação recebida de seu pai e a influência do meio natal, esta individualidade, se não estou em êrro, formou-se por si própria, independentemente de escolas e recursos.

Pertencendo, porém, à raça dos que marcham sós, foi a golpes de talento indiscutivelmente superior, servido por um saber invulgar, que abriu carreira e conquistou o legítimo renome que se impõe, desde longe, ao respeito da *élite* intelectual do país.

Impellido pelo Destino a servir a sagrada causa da arte, êste extraordinário homem de acção e espírito eminentemente construtivo consagrou-lhe inteiramente a existência num labor incessante, rútilo, fecundo, absolutamente desinteressado e duma probidade inexcédível.

Criou e difundiu beleza, fez arte pela arte, escrevendo, ensinando, desenhando, pintando, amassando a argila, modelando, esculpindo, architectando...

Educou artífices, formou artistas, ressuscitou indústrias artísticas, fez sentir o encanto da paisagem, ensinou a compreender e a amar o património artístico do passado, organizou Museus, defendeu, salvou e restaurou monumentos.

Dentre as suas eminentes qualidades, porém, a que pela retumbância e pela influência exercida mais o fez avultar na admiração e no reconhecimento colectivo foi, sem dúvida alguma, a de restaurador da Sé Velha de Coimbra, missão de que foi incumbido pelo, para sempre, egrégio prelado, D. Manuel Correia de Bastos Pina.

Essa restauração, com efeito, honra e glorifica o emérito artista que, desviando-se da escola de Viollet e seguindo uma orientação mais lógica e mais humana, isto é, mais integrada na compreensão da função e da vida do monumento, a levou a cabo com um tão justo escrúpulo, com um tão seguro saber, com uma consciência tão perfeita e mesmo com uma tal clarividência — recorro a redução do adro e a reconstituição do claustro — que a tornam única em Portugal e modelar em qualquer dos grandes países cultos.

No entanto, embora fragmentária e pròdigamente dispersa pelo condicionamento da sua existência e pela sua bondade inexaurível que jãmais deixou de acolher as infinitas solicitações feitas ao seu talento multiforme, a obra de António Augusto Gonçalves é considerável e duradoura.

Dezenas de gerações receberam os ensinamentos dêste professor insigne.

Se nem todos os discípulos tiveram a graça de guardar o proveito da elevação e clareza do seu ensino, cada um, pelo menos, teve o feliz ensejo de admirar: quer a prodigiosa destreza do seu lápis original, que possui a espontânea expressão decisiva do traço e a sciência das *nuances* e do relêvo, quer o seu profundo conhecimento da técnica pitural e do mistério sedutor da policromia, quer a sua competência em vivificar a matéria inerte de cujo diferenciadíssimo valor plástico êle tem, como ninguém, a noção exacta.

A estes dotes junta-se o do seu finíssimo temperamento de escritor.

Êste dom, bem raro entre os artistas de todos os tempos, mais vigorosamente acentua o valor estranho e proteiforme de António Augusto Gonçalves.

A prosa com que exprime as suas ideas tem um sabor pessoalissimo, é límpida, scintilante, rica de ritmo e de côr, sabe diluir subtilmente e com encanto o saber e a erudição, possui um forte poder comunicativo e de evocação e traduz com precisão, pela sua extensa maleabilidade, as vibrações da sua delicadissima sensibilidade.

Bem restrita é, infelizmente, a produção literária do admirável prosador, a qual se resume, em essência, ao estudo sôbre o ceramista Brioso, a um limitado número de artigos sôbre vários monumentos nacionais, especialmente os coimbrãos, e a um punhado de páginas descritivas do Pátio da Universidade e da paisagem de sonho que extasia a quem sobe ao alto da respectiva tôrre, cujos sinos foram o meu tormento e hoje fazem a minha saúde neste país de minaretes donde escrevo...

Não há, porém, na nossa crítica de arte histórica, páginas mais belas nem de mais lúcido ensinamento.

Mais tarde, estou certo disso, a Antologia as arquivará com amor.

Não é para dizer aqui a importância dos serviços prestados pelo preclaro artista como director da Escola Brotero, nem o alcance educativo do Museu Machado de Castro que dirige e foi, nas suas origens, o primeiro organizado em Portugal com critério superior pelo arranjo, pela sistematização e pela classificação, nem ainda, o quanto Coimbra lhe é obrigada como principal centro das romagens estéticas de Portugal.

Suponho esboçada a silhueta de António Augusto Gonçalves que, pela diversidade de aptidões em que se manifestou a sua poderosa capacidade artística, faz lembrar os nomes famosos da Renascença.

A-par de tudo isto, que o levanta ao louvor da admiração pública, uma alma de eleição, desprendida das vãs ambições que tanto desvairam os homens, cheia de isenção, inclinada sempre a bem fazer, generosa e abrigando uma infinita piedade para com os humildes.

Só da harmonia de bons sentimentos são feitas as vibrações do seu coração, porque sem duvida foi nutrido pelo sagrado leite da ternura humana.

Carácter íntegro, honestíssimo, de uma exemplar *droiture* moral, nunca atingido pelo ruim veneno do orgulho e jámais flectindo ante a vilania de uma prepotência ou a torpeza de uma ameaça...

Pena, muita pena tenho de me não alongar tanto quanto o desejaria a minha bemquerença acerca desta figura inconfundível que, há mais de vinte anos, os Fados me deram a ventura de conhecer.

Março 1921.

M. MONTEIRO.



ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

EM qualquer país de elevada civilização um homem do valor de António Augusto Gonçalves estaria já consagrado verdadeiro benemérito, pela opinião da nação e pela da cidade a que, de modo especial, êle houvesse dedicado, como à cidade natal dedicou tôda a sua actividade de artista, de erudito, de ensinador.

De facto: votar mais de meio século de contínuo e desinteressado labor à dupla missão de salvar reliquias artísticas e de educar gerações seguidas — tanto no culto inteligente dessas reliquias como na prática preparatória e na técnica de nova e fecunda produção de Arte, pura e aplicada; despertar-lhes —

executando ou inspirando — o sentido vivo das obras do Passado e levá-las a reatar, nalguns ramos, a boa tradição regional; coroar por fim esta nobre vida de generoso e útil esforço com a criação dum museu-escola modelarmente organizado; conceber e realizar tão alta e difícil missão teria constituído, em qualquer parte do mundo culto, invejável título de lídima glória social, haver-lhe-ia atraído a veneração reconhecida da colectividade inteira.

Em Portugal e . . . em Coimbra — onde durante dezenas de anos trabalhou desajudado de todos, no meio da indiferença do maior número e odiado de muitos — viu-se um homem dêstes hostilizado no que de melhor tentava a bem do ensino e da propaganda da Arte, freqüentemente ferido nas mais delicadas fibras; e nem a idade o defendeu de ser magoado como nunca o fôra nas verdes horas da sua mocidade batalhosa, nos dias ardentes da sua combativa quadra viril.

Com outro feitio de espírito e outro temperamento pouco o haveriam molestado e o molestariam tais agravos. Ter-lhe-ia sido indiferente acordar o mau humor dos sonolentos, irritar os estúpidos malévolos ou suscitar a má vontade de mediocres lúcidos. Mas, apóstolo convicto, tomando a sério a missão que se impusera, sentia profundamente tudo quanto nessa qualidade o pudesse atingir.

Assim êste Artista e Mestre, até hoje, só quáse colhera espinhos à beira do caminho que desde moço abriu e por onde conduziu e guiou discípulos em cuja obra tem direito a rever-se.

Era pois tempo de Coimbra — a Coimbra que merece contar — lhe afirmar emfim a sua carinhosa admiração: a compensar-lhe um pouco as mortificações e injúrias recebidas ao longo dessa comprida e áspera via de sacrifícios e trabalhos árduos; e ainda a lavar-se, ela, da nódoa de odiosa ingratidão ou lamentável inconsciência com que indolentemente, cômодamente, mais de uma vez o deixou ofender e lapidar, como se fôra ma-drasta e não mãe de tão prestigioso homem.

Sumida embora, no meio do côro neste momento entoado em tórno ao digno Mestre e Artista, ergue-se num respeitoso louvor a voz do seu admirador e amigo

Coimbra, 29 de Julho de 1921.

MANUEL DA SILVA GAIO.



UM REPRISTINADOR

ANTÓNIO Augusto Gonçalves é um nome e uma obra. Nome, por certo, abençoado e querido de todos que a arte velha ou moderna, a arte sem idade, seduz ou acompanha.

Obra perdurante, germinativa, edificaz, de ressurgidor empenhado em reintegrar no antigo estado, em devolver à fé admirável de outros tempos, não só as pedras ilustres, como os artífices obscuros.

Não será um semeador de novas formas; mas é, com a mais honesta consciência, com a mais firme pertinácia, com comovido carinho, a antítese encantadora dum iconoclasta: a piedosa sensibilidade, que desconspurca o maculado, suaviza os atentados, bane o aleijão, salva as coisas ofendidas e as coisas ameaçadas.

¿ Quanto lhe deve Coimbra ?

São filhos do seu apostolado infatigável os ferreiros, os canteiros, os ensambladores, que tão fielmente reproduzem os modelos decorativos da Renascença franco-coimbrã.

Sabe-se o que êle conseguiu na Escola Livre das Artes do Desenho.

Sucedendo ao do Instituto, o Museu Machado de Castro é um padrão da passagem, pela linda cidade da Minerva-tricana, dêsse homem magro, sêco e docemente enérgico no seu olhar

apunhalante, cuja alma florentina deve ancestralmente vibrar com o garbo airoso e certos gestos clássicos das Mondégides do Arno lusitano.

Outro padrão gonçalvino — pois o futuro há-de adjectivar-lhe o nome — é a Sé Velha que êle tão exemplarmente restituiu à pureza das suas linhas originárias.

A Sé Velha, cofre de ouro ao poente, cheio de passado, templo onde faz bem entrar, devia ter entre as siglas dos seus pedreiros, o nome irmão do seu reparador.

Quando, num dia oxalá muito distante, se esfriar de todo a mão que a purificou de ultrajes miseráveis, ousou, desde já, propor que se revogue a lei dos enterramentos, para que à sua sombra possa dormir para sempre, como tem vivido, o homem modesto e notável que a repristinou.

MANUEL DE SOUSA PINTO.



Ex.^{mo} Senhor António Augusto Gonçalves. — No dia em que os amigos, discípulos e discipulas de V. Ex.^a se congregam para dar público testemunho da sua admiração pelo Mestre benemérito e incomparável, permita V. Ex.^a que ao câro das suas vozes se una a da ínfima e mais reconhecida das suas discipulas.

Coimbra, 31 de Julho de 1923.

MARIA IZABEL D'ABREU E VASCONCELOS.



Meu prezado amigo: — Não sei escrever e por isso não devo ir toldar o brilho da homenagem que os admiradores e amigos do Mestre desejam prestar-lhe numa publicação que ficará demonstrando a superioridade do

alento que faz salientar a cidade de Coimbra, como exemplo e estímulo para outras terras que pretendam engrandecer-se pelas manifestações da Arte.

Não devia ser necessária esta manifestação dos intelectuais portugueses que vão afirmar mais uma vez que o ilustre filho de Coimbra, o benemérito restaurador do primeiro monumento românico português, o sábio arqueólogo e distintíssimo professor, deve ser acatado e respeitado.

A sua obra está aí bem às vistas daqueles que não andarem cegos.

Creia-me com a maior consideração e verdadeira estima.

MARQUES ABREU.



ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

HÁ muitos anos tendo de falar numa carinhosa festa de homenagem a António Augusto Gonçalves entre o grupo de artistas da « Escola livre das artes do desenho », todos discípulos do grande mestre, e o pequeno escol de amigos, que haviam sido convidados a assistir a essa consoladora e sincera comemoração, pronunciei algumas palavras de admiração, de aprêço e de justiça, que muito me regozijaria ter repetido há pouco, e que, relendo-as agora, passados mais de três lustros nesta vida vertiginosa, que temos vivido, me encham da mais enternecedora saüdade.

Cá temos de novo o mesmo sentimento de admiração, de respeito e de ternura, que há dezassete anos fizeram brotar lágrimas de muitos olhos, como palavras de entusiasmo e de louvor de muitas bôcas. Cá temos ainda o mestre querido e prestimoso, que venturosamente nos ensina e guia. Aqui está o mesmo exemplo de valor artístico e profissional, o mesmo carácter independente, a mesma honradez, a mesma

honestidade e simplicidade. Está aí, como então, a mesma lição viva, o mesmo modelo de trabalho, o mesmo pioneiro incansável. Se se fatigou pelo caminho da « áspera via » não o denunciou; se teve desalentos ninguém lho conheceu. Procurem-no, sempre o encontrarão. Batam-lhe à porta, êle abrirá.

É o mestre que querem? Êle ensinará tôdas as artes do desenho, o segrêdo da sua eurtmia, os enigmas da sua execução. É o profissional, o artista entregue à sua obra, que desejam ver? Aí o têm, pois. Está no *atelier*, está na oficina, junto ao tórno, junto ao forno, junto à serra. As suas mãos *pensam*, os seus dedos trabalham, como o seu cérebro.

Dêem-lhe as tintas, dêem-lhe o barro, dêem-lhe a madeira, dêem-lhe o ferro, que êle os ductilizará até que por si, ou pelas mãos dos seus discípulos, possam deixar de ser o pedaço de matéria inerte, que eram, para traduzirem uma frase de Beleza que todos entendamos.

Grande como a sua obra, só é grande a sua modéstia, o que num tempo em que os homens se fazem os próprios Plutarcos, se nada tira aos seus méritos, muito prejudica a sua fama. Os que lhe conhecemos aquelas duas virtudes, mais o admiramos. Mas querê-lo-íamos mais elevado para maior brilho do seu merecimento.

Sonhámos um dia vê-lo ensinando a *Arte*, a deusa do seu lar, numa cátedra da recente Faculdade de Letras. Apontou então o nome duma grande autoridade, velho Mestre também, de nome respeitável e respeitado. Passam-se anos e, de novo, braços amigos se lhe estendem. Agora foi para um moço, já cheio de méritos, grande flor de Esperança, que apontou.

Um dia um grande e desventurado Chefe de Estado disse-me: — *Queria dar a António Augusto Gonçalves uma demonstração de estima. Sabe ou descobre-me alguma cousa que êle realmente estimasse?*

Mas tudo seria baldado. A psicologia dêste homem é a dum grande *Isolado*, que só vive bem na faina do trabalho entre a Escola e a Oficina, rodeado de discípulos, que executam, no

meio de instrumentos, que se utilizam. O seu tempo é alguma cousa de precioso, que se não desperdiça se não para as alegrias duma palestra amiga, fugidamente.

Consegui uma vez, quando Reitor da Universidade, que António Augusto assistisse a uma sessão do Senado Universitário, onde tinha direito de assentar-se como Presidente da Câmara, que era.

Tinha a Câmara cumprimentado nos Paços Reitorais a Universidade e todos augurávamos bem dessa aproximação. Gonçalves foi. Mas o tempo que se gastou nessa reunião, em manifestações verborréticas, foi por tal forma escandalosamente desperdiçado, que António Augusto nunca mais lá voltou.

Tal é o homem cujo rendimento em valor útil, em saber prestimoso, excede em muito a craveira das « superioridades », que por vezes têm tumultuado em volta d'êle.

Tem vivido ensinando, tem ensinado vivendo. E ninguém tem vivido mais nobremente, nem mais nobremente ensinado. Cada pedra de Coimbra, as mais velhas melhor ainda que as mais novas, bem o dizem com eloquência, sentindo o amor com que as tem tratado. Fala aquela Sé Velha no seu silêncio de oiro, e cantam-no em estrofes de mil bôcas as *memorabilia* do Museu de Arqueologia. Velho amigo, como há dezassete anos, como daqui a muitos anos — bem vê, são votos!... o abraço da boa amizade — *aere perennius!*

MENDES DOS REMÉDIOS.



ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

SÁUDO em Mestre Gonçalves todos os Mestres portugueses que, pela sua vida de probidade e trabalho, constantemente nos dão uma lição de beleza e de grandeza.

Fora do tablado onde se agitam os homens vãos e inúteis

êles procuram com humildade e quási desconhecidos atingir o seu ideal. Êste esforço é já de si um espectáculo extraordinário.

As mais das vezes, sós a sós com o seu sonho, os homens desta têmpera chegam a realizar ao fim da vida uma obra que nos deixa comovidos e surpresos. Coimbra deve a António Augusto Gonçalves a restauração da Sé Velha, a redenção da igreja de S. Tiago, o Museu Machado de Castro e tantas obras admiráveis.

Mas todos nós devemos a êste sonhador uma obra muito mais extraordinária: a lição da sua vida.

E às vezes ¡sabe Deus se a vida é amarga! Ainda há pouco outro Mestre, Columbano, me contava que quando veio de Paris, já com um quadro exposto no Salon ganhava doze mil reis por mês para fazer as sombras num jornal de caricaturas. E nunca transigiu.

Seguiu o seu sonho até ao fim.

Contar uma destas existências dia a dia na sua simplicidade e na sua grandeza, na sua intransigência também; dizer em palavras apagadas, baixinho, a luta de tôdas as horas com o ferro, com a pedra, com a palavra, seria escrever o mais belo de todos os livros para dar a nossos filhos. Porque estes homens são a grande fôrça da raça portuguesa.

Unem-nos espiritualmente. Obrigam-nos a olhar para o alto. Por isso é que eu saúdo em Mestre Gonçalves não só a sua vida e a sua obra — mas a figura do artista, que longe do tumulto vive para o sonho e atinge o seu ideal.

RAÚL BRANDÃO.



QUANDO voltei de estudar no estrangeiro e que começava a ver claro no meio artístico da nossa terra, uma das principais figuras que se impunham em primeiro lugar ao meu respeito era a do Professor António Augusto

Gonçalves de Coimbra. Entre tôdas as suas obras de artista e de erudito, a que eu mais admiro é a que êle tem realizado como educador de oficiais das artes, e muito lhe devem todos aqueles que por seu alto guiamento aprenderam a encontrar no lavor do ferro, da pedra ou da madeira, uma nobreza que os reis não podem conferir e uma independência que não é apanágio das democracias.

Lisboa.

RAUL LINO.



Não se pode pensar no culto da Arte em Portugal, sem evocar logo o monumento de prosa e graça que Raimalho levantou á incompreensão e desmazêlo nacionais pelo seu património artístico.

Hoje êsse mesmo culto, poder-lhe-ia ter inspirado uma página mais consoladora para o seu e nosso orgulho de patriotas.

Nela inscreveria os nomes e a obra dos três ou quatro *varões ilustres*, a cujo amor e sensibilidade artistica, competência, tenacidade, abnegação e sacrificios, Portugal deve a salvação e a ressurreição de algumas das obras fundamentais da sua Arte.

O Sr. António Augusto Gonçalves é um dêsses varões. A Arte de Coimbra deve-lhe os mais altos e desinteressados serviços.

Está na tradição da incultura e ingratidão nacionais desconhecêl-os. Por isso maior é a honra e mais profundo o sentimento de admiração e respeito com que me associo a esta homenagem.

Lisbôa, 18 de Janeiro de 1921.

REINALDO SANTOS.



DESEJO associar o meu obscuro voto à justa homenagem que se quer prestar ao sincero e preclaro artista que é António Augusto Gonçalves.

Não posso esquecer, nem relembrar sem saudade, que êle

foi o mais inteligente e diligente dos meus mestres nas Artes do desenho, nessa buliçosa Universidade onde passei dois dos meus melhores anos.

Então completava êle o milagre da restauração da Sé Velha, sem dúvida o mais belo monumento architectónico da histórica Coimbra e um dos mais belos do país.

Por êsse trabalho de feliz êxito, que constitui o mais nobre quartel do seu ilustrado brasão de artista, pela sua obra no Museu Machado de Castro e pela ressurreição amorosa da Arte do ferro forjado, muito fica o país devendo a êsse homem exemplar, que pode ser apresentado às gerações vindouras como tipo de rara tenacidade e carácter.

SEBASTIÃO DA COSTA.

Oficial de marinha.



UM RARO ENTRE OS RAROS...

PARA penetrar a psicologia de António Augusto Gonçalves, forçoso se nos torna apreciá-lo, sob dois aspectos fundamentais: — o aspecto estético e o aspecto republicano.

Como artista, êle é inegalável pela sua singular competência e pela alta concepção que ilumina o seu espírito. O *Museu Machado de Castro* ficará como precioso documento, a atestar às gerações vindouras o seu talento de organizador, o seu método e também a sua técnica.

Como republicano é e foi sempre um modelo de coerência. Nunca o patriotismo encontrou guarida em alma mais pura e de mais alevantada devoção idealista.

António Augusto Gonçalves é uma Consciência, servindo a Arte e a Ideia com a mesma moral, a mesma fé ardente e a mesma notável isenção pessoal. Um raro entre os raros...

Lisboa, 24 de Maio de 1921.

SEBASTIÃO DE MAGALHÃES LIMA.

UM TESTEMUNHO MUITO HUMILDE,
MAS VERDADEIRO E SINCERO

HERDEI de meu Pai, Abílio Lopes Ferreira Neto, êste entusiasmo ardente e imperecível pelo grande, pelo inegalável artista, António Augusto Gonçalves.

Meu Pai, que na sua cadeira de Instrução Primária (Freixo — Lousan) foi, durante muitos anos, mais do que um professor, um apóstolo firme e enérgico das mais belas virtudes cívicas, ensinava-me, ainda criancita, a admirá-lo. E, o que é mais comovente ainda, nunca com êle tinha falado.

Apenas um amigo comum, o bom, o saudável, Domingos de Almeida e Silva, que a morte já roubou, mas que não deixa esquecer, tal era a sua dedicação e a sua cultura, a sua inteligência e honradez.

Vim para Coimbra, para Celas, donde nunca mais saí, em 1883. Então é que redobraram os meus entusiasmos, pois tendo falecido nessa ocasião a última freira Bernarda, era ingente e apaixonada a curiosidade pelos mistérios do Convento.

Claustro de D. Dinis, o grande Côro, Capítulo, quadros, estátuas, exemplares sugestivos de variados estilos de arquitectura. Por êstes múltiplices problemas de Arte passava, fremente e enérgica, a autoridade do Mestre. Tudo explicava, por todos difundia o seu saber.

Cautela!! dizíamos nesses tempos remotos: *não ralhe o António Augusto!!*

Decorreram anos, sôbre o velho monumento de Santa Maria de Celas o tempo implacavelmente cavava ruínas e perigos, a sacristia com o seu lindo retábulo do século XVI, já condenada, o Ante-Capítulo a desabar, o célebre Claustro de D. Dinis (século XIV), apoiado em escoras de madeira, só por milagre não caía por terra na mais lamentável das desgraças.

Dois homens evitaram a catástrofe, e os seus nomes refulgem em letras de ouro na história de Santa Maria de Celas:

O venerando Professor e habilíssimo político progressista, Dr. Pedro Augusto Monteiro Castelo Branco, que conseguiu do Governo alguns contos de reis; — António Augusto Gonçalves, o estrénuo defensor da Arte, que graciosamente, e com trabalhos exaustivos de lutas e de propaganda, dirigiu a restauração.

Nesses tempos saúdosos pertencia eu à Mesa gerente da Irmandade de Nossa Senhora da Piedade de Celas, à qual a Igreja fôra concedida e edificios anexos.

Estes dois nomes adoramo-los, nós os habitantes de Celas, porque, se a Providência não os fizesse passar pelo nosso caminho, tantas belezas artísticas seriam de certo agora um montão miserando de escombros e de horrores.

¿E que dizer da restauração da Sé Velha, o mais belo exemplar português do estilo românico, da Igreja de S. Tiago, do Museu Machado de Castro, Escola Livre das Artes de Desenho, Escola Brotero, Universidade, mil trabalhos e ensinamentos de Arte, por todo o nosso país e pelo estrangeiro difundidos e espalhados pròdigamente??

Volumes não chegariam. A vida do grande Mestre, que desde sempre mereceu a adoração comovida e intensíssima dos nossos conterrâneos, há-de constituir na História de Coimbra a mais bela exteriorização de carácter, de sciência, de trabalho indefesso e extenuante. A natureza deu-lhe a *Vis* da Arte, as lutas pelo ideal opulentaram-no com uma erudição, verdadeiramente vertiginosa.

No futuro, se documentos sólidos não existissem, poderia parecer romântica efabulação a árdua e valente campanha do Mestre, já numa idade avançada, em prol do Museu Machado de Castro e da transformação de S. João de Almedina.

Dum velho palácio episcopal, dum igreja dispensável, surgiu um monumento de primeira grandeza; e se Coimbra não fôsse a terra paradisíaca, em que todo o mundo fala, bastava êle para atrair a curiosidade ávida e insofrida dos viajantes.

O Mestre é a alma e a vida da nossa Cidade e do nosso tempo.

Na subscrição para um busto de mármore ou de bronze, esculpido por Teixeira Lopes, pensou, em 1910, a Camâra Municipal (1905 a 1910) do Dr. Marnoco e Sousa, e era eu o Vice-Presidente. Não podia ser maior o entusiasmo público e as pessoas inscritas, de tôdas as classes, superabundavam.

A Festa prometia ser a mais deslumbrante das consagrações, mas a revolta de 5 de Outubro, transformando completamente a nossa sociedade, desviou, como é natural, para outros horizontes, a vida nacional.

Estátuas merecia. Estátuas ainda as verá rejubilante a nossa cidade de Coimbra.

Sôbre as glórias da sua longa vida outras e muitas outras, ano a ano, se vão acumulando. É miraculosa a sua efervescência artística. Educa, impulsiona, anima e entusiasma.

É inolvidável o que se observou, há dois meses, na exposição do Clausto do Silêncio de Santa Cruz, a qual depois teve em Lisboa um êxito retumbante.

O desenho do lampadário, que no Capítulo da Batalha há-de alumiar perpétuamente a sepultura dos soldados desconhecidos, é duma poesia, que comove até às lágrimas, e que enche de vaidade o nosso coração de Portugueses.

Celas, 12 de Junho de 1921.

SILVIO PÉLICO LOPES FERREIRA NETO.



GOSTOSAMENTE me associo aos aplausos de que é digno António Augusto Gonçalves, incluindo-me entre os admiradores da sua obra. Incompetente para apreciá-la, como merece, darei simples e singelo testemunho de quanto se impõem ao meu respeito os seus invulgares dotes de artista, de crítico e de Mestre, postos ao serviço duma actividade eternamente juvenil. Mercê do seu talento, do seu saber e de

incessante labuta, é que o benemérito director do *Museu Machado de Castro* grangeou a situação de singular prestígio que, por direito de conquista, logra entre nós. Devotado, desde muito, com um fervor de apóstolo, à arte e ao ensino, nunca se forrando a canseiras, êle é incontestavelmente exemplo vivo de, como em meio ingrato, pode medrar um alto e desinteressado ideal — norte, através de tôdas as vicissitudes, de uma existência inteira.

Coimbra, 7 de Janeiro de 1921.

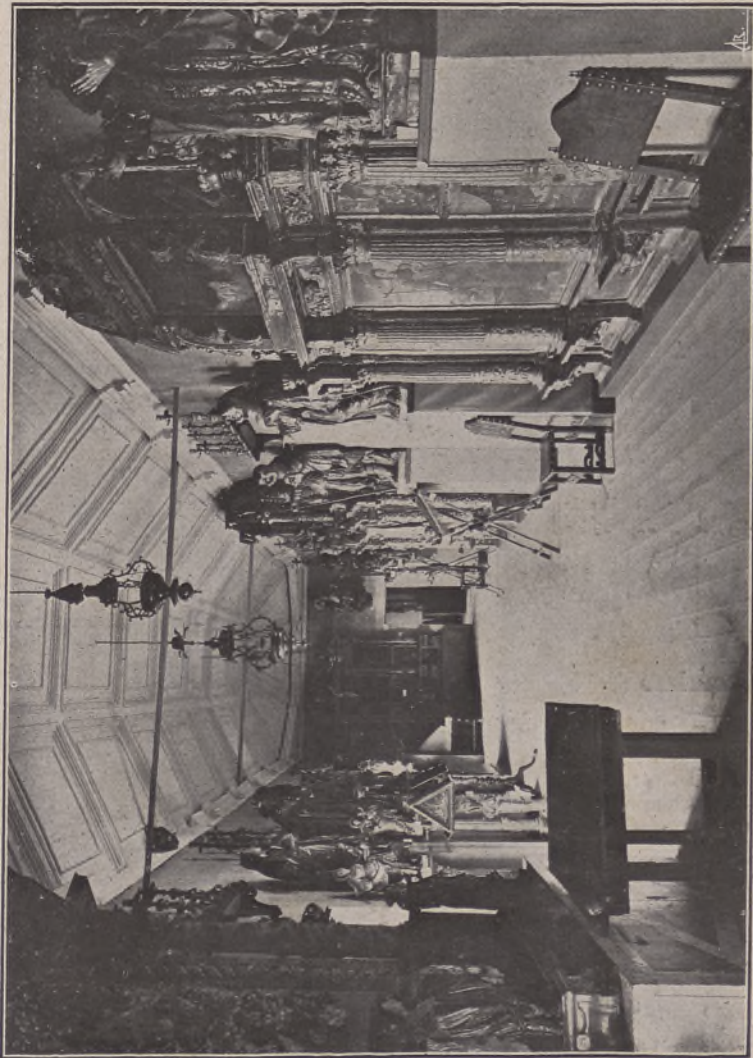
H. TEIXEIRA BASTOS.



HÁ não sei quantos anos a Municipalidade de Coimbra deliberou prestar uma justa homenagem a António Augusto Gonçalves: foi resolvido — se bem me recorde — que se mandasse executar o seu busto em mármore, collocando-o depois, solenemente, na sala nobre dos Paços do Concelho.

Todos aplaudiram êsse gesto, porque todos avaliam os grandes serviços prestados pelo eminente artista à sua linda terra e à Arte portuguesa. Escolheram-me para fazer êsse trabalho; vieram aqui falar-me no assunto, escusando eu dizer que aceitei jubiloso a honrosa missão. Combinou-se que eu iria a Coimbra fazer o modelo.

Era o ensejo de passar algumas semanas na interessantíssima cidade que tanto me encanta evocando os belos dias de tão doce recordação, nesse ano de 1896, indo levar a minha « Rainha Santa », a primeira festa à imagem passada em companhia dos meus adorados pais! Se pois, era-me imensamente agradável o convívio com António Augusto Gonçalves durante as sêssões de *pose*, conhecendo a sua alta competência em assuntos de arte, as suas palestras em que scintila o mais brilhante espirito n'uma vastíssima erudição, critério artístico sólido, bem pouco vulgar entre nós.



Museu Machado de Castro — Sala X

Era também ocasião de lhe tributar quanto possível por meio do meu cinzel, em um pedaço de mármore, a minha admiração e o meu affecto.

Infelizmente, o busto não se fez ; António Augusto Gonçalves não aceitou a homenagem. Recusou-a com tôda a delicadeza — como costuma — mas recusou-a.

A sua modéstia não podia permitir essa consagração official. Estou certo que o illustre artista gostaria de ter essa obra, mas em sua casa, num recatado ambiente, entre os seus livros e as suas recordações de arte, na intimidade do seu gabinete de trabalho.

Quere-me parecer que os seus admiradores — todos nós — deveríamos oferecer-lhe êsse busto, só para êle, emquanto vivo.

Recordo êste facto já antigo, que nos dá a medida da sua simplicidade honestíssima!

Homem despretençioso porque é grande e sincero, repugnam-lhe as gloriolas officiais que o mais das vezes consagram superficialmente banalíssimas personalidades.

Curvo-me diante do illustre filho de Coimbra.

Ponho nestas despretençiosas linhas todo o meu coração, abraçando com ternura o companheiro de luta que é um exemplo admirável de artista e de homem de bem!

No descalabro a que chegámos nesta época tristíssima que atravessamos, em meio de tantos egoismos e atropelos, é consolador acharmos aqui ou ali, na turba dos portuguezes que nos aviltam, um portuguez que nos honra!...

Gaia, Julho de 1921.

TEIXEIRA LOPES.



RESPOSTA A UM BILHETE

«Peço-te me dês, em duas linhas,
alguns traços biográficos do nosso
Dr. Gonçalves».

Não; meu amigo. Não te dou nenhum traço. Isto é só para aqueles que não precisam colher informações. Só para aqueles que lhe não chamam o *nosso doutor*.

Dr., o Mestre Gonçalves? Por tal não esperava êle!

Com efeito, têm-lhe chamado muita coisa, como pode verificar-se pelas colecções de certas gazetas locais e pelos folhetos de cordel com que alguns insignificantantes têm pretendido atingi-lo. O que, supponho eu, pessoa alguma lhe chamou jãmais, foi o *nosso doutor*.

Isto sem desprimor para os que real e verdadeiramente o são.

Mas compreende-se a tua frase, o teu epíteto. Numa terra onde todos nós somos doutores, até mesmo aqueles que nem ler sabem, e que bastantes são, Mestre Gonçalves tinha que ser também doutor.

Pois não é; nunca o foi.

Creio até ser êle o único cidadão de Coimbra a quem ninguém chama doutor.

Nem sequer os moços de esquina, quando se lhe oferecem para levar a mala: — Sr. Gonçalves, cá está o 34.

Os pobres mesmo, quando recolhem o óbolo que a sua mão direita, disfarçadamente distribui, para que nem a esquerda por tal dê, êsses mesmo não lhe chamam doutor.

— Bem haja, Sr. António Augusto.

Há também quem o designe por — *criador do Museu, restaurador da Sé Velha, fundador da Escola Livre, o que resuscitou a igreja de S. Tiago, o pai espiritual de uma raça de artistas que... etc., etc.*

Mas doutor? Não. Ninguém.

Por isso, porque lhe erraste o nome e por tanto o desconheces, não escrevas nada. Absolutamente nada.

Porque, repito, isto é só entre nós, os seus amigos, os seus admiradores, os seus devotos, aqueles que têm visto, admirado e compreendido a sua estranha Acção, o seu apostolado singular, a sua obra inconfundível e eterna.

Para mais ninguém.

TOMÁS DA FONSECA.



Meu illustre e querido camarada: — Que dentro do número de homenagem a mestre António Augusto Gonçalves, a sua mão amiga me conduza ao propício cantinho de recolhimento e de penumbra, que é o que melhor convém aos que, como eu, mais se afizeram, perante certos homens, a pensamentos que a palavras.

O mestre restaurador da Sé Velha, puro criador, também, dessa nova oficina de renascença, a qual, como diria Vieira, êle reedificou pela ressurreição, não necessita do desagravo dos bons perante o vociferar dos ímpios. No ritual quasi místico com que vêm celebrando a sua obra de beleza e maravilha, dando-a depois a comungar aos fiéis do eterno templo, a luz é de génesis, os gestos são de parábola, a tarefa é de milagre.

A escola de Coimbra, filha do espírito e do coração do Mestre, pérola perdida no lodo vil do pântano, traz à minha memória a rumorosa escola de Anvers no auge da sua inspição italianizada e criadora. Como um bom margrave do Reno e magistrado da Flandres que sagázmente reunisse uma fecunda confraria de artífices (os fiéis dos *ghildas*, os devotos de Plutarco, os discípulos de Snyders), assim Mestre Gonçalves afeiçoou à sua volta essa nobre confraria coimbrã, cujos labores, em pedra, em mármore, e em ferro só seriam possíveis

sob a sua direcção e a sua constância, uma e outra ajudadas, é certo, pelo luminoso equilíbrio de tons do velho burgo.

Que todos nós, capazes ainda de escutarmos as vozes do coração, celebremos os Eleitos, erguendo os olhos das razas sepulturas para as estrêlas claras.

Por mim, eu lhe agradeço, meu ilustre e meu querido camarada, o repousante ensejo, que por momentos me deu, de olvidar os *mouros* para só lembrar os *cristãos*.

Dizer a mestre Gonçalves que muito lhe quero e muito o admiro é como ouvir na escuridão e no silêncio da noite, uma doce, uma pura fontainha, correndo, em claro fio, sôbre um tanque...

Abraça-o o seu *ex corde*,

TRINDADE COELHO.



ANTÔNIO AUGUSTO GONÇALVES não é só o homem, é o simbolo; não é somente o mestre, é o apóstolo. Tenho dêle a impressão de um fidalgo antigo, cuja nobreza de raça é comparável à dos patrícios romanos.

Não há em terra portuguesa espirito mais alto nem mais culto nem mais *rafiné*. É um justo e um forte. É um coração de poeta numa envergadura de gigante.

E por vezes, a sua tenacidade, a sua perseverança, o seu amor profundo pela Arte, fazem dêle um dêsse extraordinários filósofos da idade média, um tanto santo e um tanto demónio, sonhando impérios e divinizando monarcas...

Ninguém desconhece a sua obra. Ela é tão grande e tão vasta que seria bastante para encher o âmbito de três vidas.

E cada vez é maior; e cada vez é mais impetuosa, como as torrentes; e cada vez é mais perfeita e mais harmoniosa, mais unguida de beleza e de immortalidade...

Aí estão as gerações que êle iluminou com o seu ensina-

mento fecundo. Ai estão essas almas que êle baptisou com a água lustral da sua vontade máscula de justo e de herói...

Não é só Coimbra quem deve orgulhar-se desta preciosa figura de eleição. É tôda esta maravilhosa pátria de lenda, onde êle tem deixado, dia a dia, com o mais enternecido carinho e com a mais sincera e admirável fé, o exemplo assombroso da sua elevação moral, da sua inteligência e do seu génio...

UMBERTO DE ARAÚJO.



UM MESTRE

EM António Augusto Gonçalves, que conheci no meu tempo de Coimbra, há bons dez anos, em tôda a plenitude de inteligência, de trabalho e de glória, o que mais admiro é o esforço contínuo, tenáz, infatigável, com que, como verdadeiro mestre de escola e oficina, conseguiu tornar a cidade do Mondego a primeira povoação do país em produção industrial artística.

Já então eu não deparava com obra de arte coimbrã, gizada sobre moldes antigos ou modernos em que não sentisse a sua influência, o traço profundo, indelével, da sua orientação. Sob o seu hálito criador, a obra arcaizante retratava com fidelidade os velhos modêlos, e a obra moderna procurava compenetrar-se do processo antigo, superior sempre, por derivar da obra obscura de muitas gerações trabalhando para a sua codificação.

Na pedra, no barro, no ferro, e na madeira se sentia êste reatamento tradicional, por vezes verdadeira ressurreição. Os tímpanos dos portais de jazigos do Cemitério da Conchada, os altares de Santa Cruz, as esculturas da quinta Carvalho Monteiro em Sintra, os azulejos do bairro das Olarias, o retábulo gótico do Senhor da Serra de Semide, as molduras «renascença» do Museu de Arte Antiga, e tantas, tantas outras

obras semelhantes com que os artistas de Coimbra, obreiros em plena maturidade ou aprendizes sonhadores, à maneira dos seus antepassados do século de quinhentos encheram a cidade e os arrabaldes, constituiu uma obra sólida, homogénea, brotada da mesma inspiração, que não me cansava de admirar.

Há tempos voltei a Coimbra, e o acaso fez-me passar por uma oficina de entalhador, perto da Couraça de Lisboa, frente às paredes arruinadas do convento da Estrêla.

Detive-me um pouco vendo trabalhar os officiaes. Sôbre os bancos alongavam-se os tabuões das frentes de um armário « renascença ». Olhei com atenção. As cabeças enérgicas que ressaltavam dos medalhões das almofadas tinham a mesma modelação, a goivada larga, o carácter acentuado, puro de maneirismos ou decadências, das esculturas antigas que lhe haviam servido de modelo. Aqueles artistas haviam conseguido sentir, compenetrar-se, reproduzir a obra dos antigos imaginários, amoldar a sua alma e a sua ferramenta à dos grandes artistas do renascimento!

E perante este milagre do mestre António Augusto Gonçalves senti convictamente que a sua obra de aproveitamento do património artístico de Coimbra e das disposições naturais dos seus habitantes fôra plenamente coroada de successo, e que, por largos anos, a mocidade que êle educou saberá manter com o mesmo fulgor de agora o fogo que crepita no *foculum* da ara sagrada.

VERGÍLIO CORREIA.



Foi naquele pátio duma viváz sugestão toscana, com a colonata alacre da loggia debruçada sôbre o mais pictural trecho panorâmico da cidade, foi na luz jovial dêsse átrio coando perspectivas feiticeiras do Mondego e de telhados côr de burel, foi na incantação fugitiva daquele scenário florentino, que pela primeira vez encontrei êsse monge das

Artes Coimbrás, ascético, espiritualizado, altivo por uma fina flor de orgulho, que lhe adornava o trato gentil e as maneiras de galante homem.

Apresentaram-mo com uma bela fórmula de protocolo de classe: «É o mestre Gonçalves, director d'êste Museu e professor de artes e ofícios na grei artística de Coimbra».

Saúdei-o... — Guiou-me então no Museu, através daquelas salas duma ordenação admirável e onde se sente até aos mínimos detalhes a imponderável presença do seu espírito solícito, apaixonadamente zeloso pelas maravilhas ali juntadas por sua mão.

Apossava-se de mim, junto ao prestígio do mestre, um sagrado terror pelo bruxo insigne, que conseguia semelhante prodígio, desenterrando e pondo em foco, peregrinos tesouros de arte numa inesperada revelação. Como um demiurgo criador, que do nada extrai luz e vida, fez êle, com cofres vazios de subsídios, surgir amorosamente esbeltas esculturas, que jaziam sepultas no barro dos séculos e da ignorância, surgir painéis que o olvido havia escurecido, surgir pinturas, majólicas, cristais, bizarrios, colgaduras, que o feitiço dos seus dedos e da mais sagáz proficiência, arrancaram à treva do barbaro desconhecimento. Quantas imagens sacras carinhosamente afagadas, trazidas enfêrmas de obscuros conventos em ruínas quantos fragmentos de igreja, quantos destroços recompostos, pelo seu devoto saber, quantas esculturas salvas da incompreensão ignara de sacristães em logares sertanejos, quanto furor emfim em arrancar á presa dos incompetentes o lavor infeliz dalgum artista esquecido.

Parámos em frente duma minúscula sala, cuja parede fronteira era inteiramente ocupada por um crucifixo monumental, uma escultura bizantina negra e enorme, uma figura dum Cristo trágico cuja composição era tenebrosamente esmagadora e terrível.

— Admirável!... Donde veio?...

— Dum altar do convento do Lourçal (?)...

Então, dominando o meu respeitoso terror, murmurei: O seu iconoclasta!... isso faz-se?

— « Vou contar, minha senhora, como consegui obter para o Museu êste exemplar interessante... »

E sorria voluptuosamente, ao recordar a sacrílega façanha, na sua devoção de sacerdote da Arte.

« É uma escultura muito curiosa em chumbo, dum pêso colossal e que, pela forma como estava suspensa e pelas suas dimensões, tornava infinitamente difícil e arriscada a sua remoção do altar sem correr perigo de causar estragos importantes ou, dado o seu pêso, de inutilizar os esforços para a desprender prejudicando a própria obra.

« Essa consideração deteve-me do intento de a trazer para aqui.

« Mas a irmandade da igreja, sempre alanceada de desconfianças, receando a possível expropriação, em grande sigilo e conjura, empreendeu, com sábios cuidados e fechando segrêdo, a descida da imagem de chumbo para a esconder num subterrâneo, furtando-a à cubiça dos museus. Foi-me assim facilitado e resolvido o problema: uma vez a escultura descida do seu inacessível nicho tornava-se inútil o meu escrupulo e fácil a minha responsabilidade. Foi-se pois buscar o Cristo, que a irmandade tinha conseguido depor... e veio para aqui... »

Rimos longamente do infernal ardil. E depois de eu o ter tratado de herege, de relapso, de renegado, de Belzebuth... o grande Mestre, que sabe sorrir porque tem espírito e que conhece as *nuances* porque é um senhor, teve sorrisos cheios de bom tom e dizeres cheios de espirituoso humor para as minhas agressões falazes.

E dessa tarde cheia de inefáveis colorações de outono, com o sol a despedir-se em tom de malva e de oiro, um pacto gentil cimentou-se entre o Mestre Gonçalves e mim: a sua colaboração nas obras em ferro coimbrão que me apetecia mandar executar. Falou-me em Lourenço Chaves de Almeida pela primeira vez.



Inexcedível de galanteria amável, quis interpetrar o meu gôsto, fez desenhos, ordenou, conduziu, afagou a minha inspiração inquieta.

Passadas semanas escrevia a um amigo meu — intendente e intermediário da obra — estas palavras cheias de finura e de pó de arroz:

« No debuxo que envio, só tenho a aspiração de exprimir o pensamento da primorosa Senhora. »

Enfeitei-me com o nome de primorosa como dum perfume que se recebe de presente mas que, de fino, capitoso e leve, se volatiliza e nos abandona para nos deixar tristes...

Dêsse encontro sob as arcadas de florentinas sombras, surgiu o meu lampadário de ferro — obra prima dum discípulo seu — e que emfim e pela primeira vez acendo hoje e que a meu lado, esta noite, ponho para escrever.

É à luz dos sete fachos que êle ergue, que aqui vim falar de António Augusto Gonçalves, do seu raro valor, dos seus múltiplos talentos, de tudo quanto lhe tributa emfim a minha profusa admiração.

Noite de 16 de Março de 1921.

VEVA DE LIMA.



GRANDE MESTRE E GRANDE CIDADÃO

TAMBÉM eu fui discípulo de António Augusto Gonçalves, nos primeiros tempos da Escola Livre das Artes do Desenho, de sua fundação, mas, pobre de mim! tão obscuro discípulo que nem de tal se lembra o inexcedível Mestre.

Tinha eu catorze anos quando por alguns meses frequentei a aula de desenho instalada na vetusta e venerável Torre da antiga vereação de Coimbra, onde todas as noites o fervor dum trabalho espontâneo, de bôa vontade e querido, ajuntava a élite do operariado conimbricense e aqueles que, na cultura da intelligência e da arte, apuravam o seu espirito.

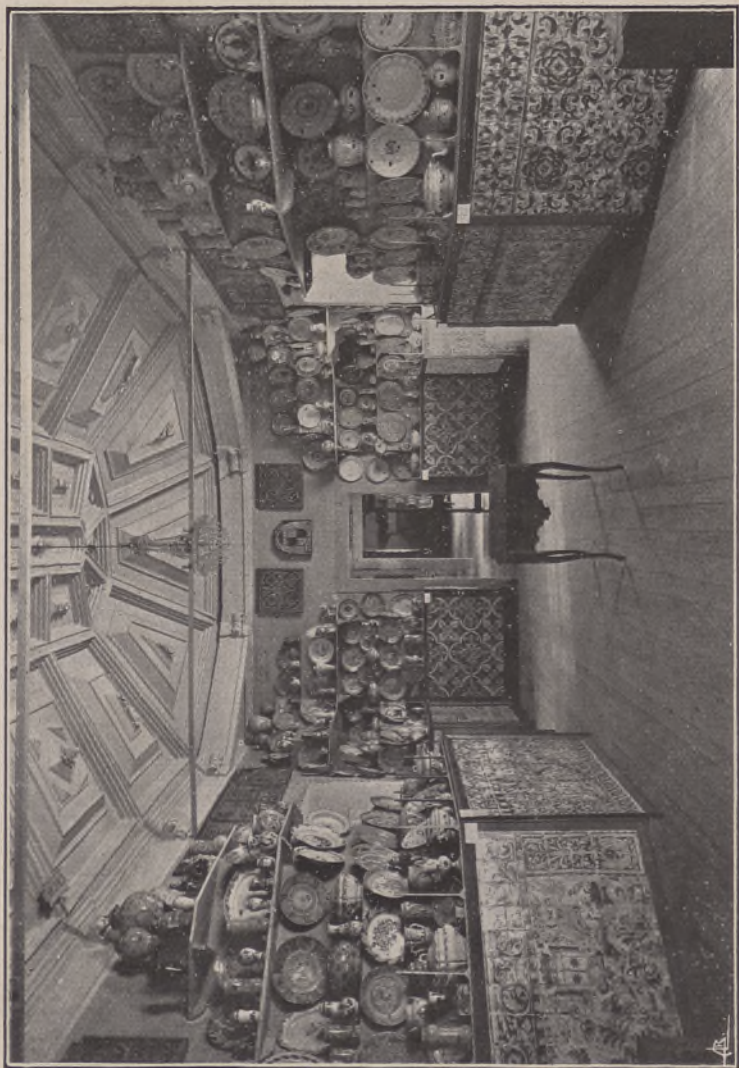
Época de renovação e de transformação aquela, em que a irreverência e o civismo, fora das fórmulas acacias do constitucionalismo dominante, na arte e na política, se davam as mãos, sob a direcção tão intelligente e fecunda de António Augusto Gonçalves, por todos os seus discípulos e amigos carinhosamente respeitado e seguido.

A ampla sala, de lageado pavimento, onde, em tempos idos, se reüniam e deliberavam os homens bons do concelho e da cidade, estava transformada num templo severo de trabalho e de estudo.

Á luz de bicos de gaz algumas dezenas de rapazes imberbes e de homens já feitos applicavam alegremente as horas do seu descanso, uns fazendo os primeiros riscos a lápis ou carvão, outros copiando gessos, outros esforçando-se já nos difíceis desenhos de figuras, outros modelando o barro húmido, cobertos os ensaios de sarapilheiras molhadas.

E a figura môça do Mestre querido e respeitado, de tão intelligente perfil, já então em conhecidos medalhões, passeava por entre todos, como um carinhoso e benévolo irmão, mais instruído e mais intelligente, dando a cada um o seu conselho, em dois traços rápidos e justos corrigindo as imperfeições dos trabalhos, e sobretudo, dando unidade moral ao formoso instituto de educação popular, que tão belamente marcou na educação artistica do povo de Coimbra.

A gloriosa carreira de educador de António Augusto Gonçalves, abre, no seu início, pela criação desta notável escala, afirma-se e alarga-se na Escola Industrial Brotero, numa e noutra lançando as bases do ensino racional do desenho e das artes de sua applicação, o qual veiu a produzir, em pouco tempo, a



Museu Machado de Castro — Sala VI

pleiade de artistas que honram e engrandecem a cidade de Coimbra.

Mas não se limitou a ensinar a sua acção; para a educação mental e artística dos seus discípulos é, em geral, do povo de Coimbra, criou e desenvolveu o já importante Museu do Instituto, tanto das nossas saúdaes, até que o transformou no notável Museu Machado de Castro, obra grandiosa do seu talento, da sua extraordinária cultura, do seu muito saber, e, sobretudo, da sua infatigável e inteligente perseverança.

Assim é que a cidade de Coimbra deve a êste seu mais prestante filho o que nela há de mais característico e de mais relevante e delicado — o renascimento da sua cultura artística, a renovação dêsse magnífico espírito de arte, que lhe dá, a ela, a encantadora cidade dos poetas e dos artistas, o *quid* maravilhoso que nos enleia e prende.

A rara erudição histórica e arqueológica de António Augusto Gonçalves, o seu perfeito e íntimo conhecimento de tudo quanto a Coimbra respeita, nos factos brilhantes ou episódicos que a ligam indissolivelmente à história da nação e nas lendas poéticas ou pitorescas, prestigiosas sempre, que a envolvem numa atmosfera idealista de sonho; o estudo profundo, que tem feito, dos seus monumentos mais famosos como dos vestígios mais fugidios da sua nobreza secular; tendo vivido, durante toda a vida nobremente intelectual do seu espírito, assimilando como nenhum outro os elementos estéticos, duma beleza eterna, que nimbam e corôam a velha cidade do Mondego, — o glorioso mestre e artista não se limitou ao legitimo orgulho e á vaidade nobre de ser um erudito consagrado, cujas opiniões e ensinamentos se respeitam, como se respeita a autoridade reconhecida, que os profere. Não; o seu saber deu orientação e fim ao seu espírito criador: ensinou, fez discípulos, fez escola, fez artistas, criou uma geração nova, renovou as artes plásticas, abriu às indústrias locais um caminho novo, fez, finalmente, de Coimbra uma escola de Arte!

Em Coimbra bate-se o ferro, corta-se a pedra, abre-se a madeira, molda-se e pinta-se o barro com elegância, a simplicidade e a beleza que só nas obras de arte se encontram e que nunca podem ser resultado da habilidade nativa do artífice, sendo sempre resultantes da educação manual e intelectual do artista.

São já hoje muitos os artistas de merecimento em Coimbra; mas todos êles nasceram do génio criador de António Augusto Gonçalves, que a todos tem educado, aconselhado e guiado no mais inteligente, persistente e fecundo trabalho de mestre, que temos conhecido, indo desde o desbate da inteligência inculta do principiante até aos retoques da obra já notável do artista consagrado.

Foi assim que êle criou a Escola de arte coimbrã, ficando para sempre o seu nome a perpetuar-se, com a sua obra, de geração em geração.

Grande mestre e grande cidadão, — António Augusto Gonçalves!

Lisboa, 1922.

F. FERNANDES COSTA.



Meu caro Albino Silva:

MAIS uma vez obrigado pela sua insistência em querer chamar-me a terreiro, para eu vir, da obscuridade e do isolamento em que me enterrei em vida — fora do mundo e alheio às suas paixões — a arregimentar entre os que gostosamente vem render a sua homenagem ao Talento insigne e ao Carácter imaculado de António Augusto Gonçalves, o Mestre inegalável e gloriosíssimo do Renascimento Coimbrão — que é, como quem diz, o Egregio Prepulsor do mais

belo e fecundo movimento artístico da nossa Terra e do nosso Tempo.

E, insistindo pela minha cooperação, cativa-me a sua gentileza, meu amigo, propondo-me, para o efeito, espanejar e pôr outra vez ao sol umas velhas, pulvorentas e esquecidas páginas que, há um ror de anos, ao Mestre consagrei.

Faça-se a sua vontade. Essas páginas, coitadas, tem um único valor: são, cronològicamente, as primeiras com que, em letras redondas, se procurou fixar, a traços bassos e tòscos, a estranha e portentosa individualidade de António Augusto Gonçalves — arrancando-o da sombra densa de trabalho e de modéstia em que êle procurara sempre esconder-se e furtar-se às admirações ruidosas da multidão.

Ao fim de tantos anos, os nacos rijos dessa prosa rolaram para o esquecimento, mas, rolando e desaparecendo, numa intermitente saraivada de mais altos, muito mais altos e mais luminosos preitos à obra de Beleza em que António Augusto Gonçalves, como artista e como educador, tem queimado as desilusões e os desenganos dêstes últimos treze anos — êles são como que o nódulo e o grãosito de areia de que resulta e em que se gerou a formidável bola de neve da consagração de hoje.

Sinto-as, agora, a essas páginas, como, então, as senti e não podendo limá-las nas arestas da imperfeição, nem puli-las nos desgastos do tempo, para que se não diga, que, ao fim de tantos anos e ao arranchar com os mais limpos e mais sonoros nomes da nossa Arte e das nossas Letras — que na feitura dêste monumento a António Augusto Gonçalves, como admiradores e como amigos, como discípulos e como devotos, todos andam empenhados — eu não trago, para os caboucos e para o entulho dos seus alicerces, mais do que os rudes calhaus dumas velhas páginas de há treze anos, consinta, o meu caro Albino da Silva, que em *post-scriptum*, e à treze anos da data, eu as feche, ou, em *antefacio*, eu as abra, com a página inédita com que vai abrir o luxento volume *Paineis, Bonecos & Mamarrachos*, em

que ando a coligir, por conta da *Companhia Portuguesa Editora*, todos os meus artiguinhos sôbre as Malas-Artes em Portugal.

Diz assim essa página:

À ARTE
AO TALENTO - AO CARÁCTER - À BONDADÉ
À MODÉSTIA & À ERVDIÇÃO
DE
MESTRE
ANTÓNIO AVGVSTO GONÇALVES
GRANDE PELA SVA OBRA
& PELO SEV EXEMPLO GRANDE

Consagram-se estas laudas de dizeres bruscos e toscos, de sinceridade e de emoção, nanja como homenagem de admirador ou preito de devoto, mas como tributo de quem dando quanto tem — a muito mais se sente obrigado.

E com esta adenda, dando mais uma vez o que tenho, meu caro Albino Silva, e mais não podendo dar, V. que está aí em Coimbra, à beira do Mestre António Augusto Gonçalves, no dia da festa, apertando-o internecidamente contra o coração, beije-lhe as mãos e dê-lhe um grande e efusivo abraço pelo

S/c. Leça, 25 de Março de 1922.

Muito seu e todo d'Ele,
Joaquim Madureira.

Não posso bem apresentar-vo-lo, camaradas, porque, conhecendo-lhe da vida apenas as fachadas ensoladas e riso-nhas, a sua Arte em que sou leigo, o seu talento que me subjuga, a sua amabilidade que me cativa e o seu civismo que me atordôa, eu dêle não vos posso dizer-vos nem quando nasceu em Coimbra nem quantos anos fez esta primavera, nem sequer quantos mármoreos tem, por êsse país fora, a desafiar a posteridade.

É o senhor António Augusto Gonçalves — o Gonçalves de Coimbra — ceramista, pintor, estatuário, fundador da Escola Livre de Desenho, professor na Universidade, director da Escola Brotero, jornalista, crítico de arte, às vezes architecto, de vez em quando scenógrafo, sempre erudito, sempre amável e, sobretudo e acima de tudo, sempre homem de bem, homem de convicções e homem de talento.

Em Coimbra, qualquer modesto operário vos diria dêle mais e melhor do que eu.

E se as pedras monumentais de Coimbra falassem, melhor do que ninguém elas vos cantariam o seu lúcido e entranhado amor pelas coisas da nossa terra, as suas variadíssimas e brilhantes faculdades de Artista que ama a sua Arte e pela sua Arte vive, sem vaidades e sem malquerenças, em fonte ubérrima de conselhos e de exemplos, manancial inesgotável de ensinamentos e de lições, a que Coimbra deve, com a restauração dos seus monumentos e com o cunho artístico dos seus bairros novos, a mais luminosa e a mais culta pléiade do operariado português — dêsse azouguento operariado da velha

Coimbra, que sendo desde séculos alfobre fruste de arrufadas e doutores, redime suas culpas e se rehabilita da sua profligidade de bachareis, sendo, há anos e graças à influência e aos esforços de António Augusto Gonçalves, a oficina profissional, modelar e fecunda, dos nossos mais hábeis canteiros e lavrantes, dos mais destros dos nossos ferreiros e entalhadores.

E isso não admira por quanto António Augusto Gonçalves é uma dessas criaturas privilegiadas, que vêm ao mundo, de longe em longe, com uma alta missão dos deuses — e a sua foi a de educar o seu semelhante e de amar a sua terra, amando a sua Arte.

Tem-na cumprido pontualmente, metódicamente, plácidamente, dêz que nasceu numa época misteriosa e indevassável — e há-de cumpri-la escrupulosamente, apaixonadamente, incessantemente até que a Morte — numa época que os seus cabelos dum negro relapso e impenitente prometem afastada e longínqua — venha arrancar-lhe das mãos o cinzel de estatuário, a palheta de pintor, o compasso de arquitecto, a lente de arqueólogo, a pena de jornalista, o lápis de ilustrador, a brocha de scenógrafo, o barro de ceramista, a caderneta de professor — ou a sua eterna boquilha, nunca escabichada e escarafunchada, apesar dêle passar metade da vida, numa obsessão, a escabichá-la e a escarafunchi-la...

Alto, sêco, magro, esgrouviado, quasi glabro, bigodêlho ratado, cabelo à escovinha, gestos angulares, grandes pernadas de caminheiro, António Augusto Gonçalves, sob um aspecto frio, ceremonioso, quasi metálico, pródigo em Vosselências e ávaro de intimidades, encobre, na fleugma dum homem do norte tôda a ardência e tôda a vibratilidade de um latino — e a sua palavra cortante sibila, os seus olhos agudos chispam, os seus nervos de aço retezam-se na admiração dum palmo de marmore ou duma nêsga de tela, duma obra de Arte ou duma manifestação de talento.

Mas quando todo o seu sangue incandesce, todos os seus músculos se galvanizam, e, pelos olhos, pelas mãos, pela bôca,

a colera e a indignação irrompem em rajadas, em avalanches de sarcasmos e de ironias — é quando lhe adrega topar com uma dessas pedras mutiladas ou com uma dessas telas puídas, pela jumência petulante dos grandes homens das nossas Academias e Comissões oficiais.

Então, sim. Antônio Augusto Gonçalves perde a linha, perde a correção perde a cabeça — e é de vê-lo! — belo como um Deus, forte como um novilho, implacável como a justiça, investindo de manga arregaçada a pena feita clava, contra os profanadores e contra os asnos.

Eu trocava tôda a sua obra de educador e de Artista — tão soberbamente bela, tão radiosamente perfeita — pela glória camiliana, inegalável e inexcédível, de ter assinado duas das suas páginas de polémica — duas daquelas páginas formidandas e involidáveis em que Augusto Rocha ficou para todo o sempre esfrangalhado, desfeito, delido, gafo como um lázaro do hospital, miserável como um trapo de enxurro.

Tracava-a eu, mas não a trocava, não, o Antônio Augusto Gonçalves, que passado o ardor da refrega, ao sair vitorioso da liça, retoma tranqüilo, a sua fleugma e a sua boquilha, escabicha-a e escarafuncha-a, meticuloso e sereno, esquecido já da violência da luta, como repezo de ter tido tanto talento e tanta razão, tanto entusiasmo e tanta justiça, para deslombiar, fibra a fibra, um inimigo a quem, na rija têmpera do seu character bondoso, não sabe nem pode guardar rancor.

Enão a trocava Antônio Augusto Gonçalves, porque palavras, mesmo escritas, mesmo animadas pelo sôpro criador de um grande artista de prosa, quando atiradas às fôlhas vagas e efêmeras das gazetas, leva-as o vento, desgasta-as o tempo, e a outra modalidade da sua obra, a que êle deixa vincada na pedra com a garra possante da sua individualidade e do seu temperamento, essa permanecerá, pelos, séculos fora, sagrada pela patina dos anos, triunfadora e alada como o seu Anjo da Vitória — do Hotel-monumento do Bussaco — sereno como o Cristo e forte como os monges que — embora serrados a meio

pelo vandalismo das obras públicas no Bussaco — também atestam a virilidade do seu cinzel e a honestidade do seu talento.

Porém mais que as suas estátuas de pedra, mais que as suas telas e debuxos, muito mais que as suas figuretas de barro, que foram os meus encantos e são ainda a minha cubiça, — lembra-se Gonçalves? — mais que os teus trabalhos de restauração na Sé Velha e em Santa Cruz — poemas de encanto em assombros de erudição — acima das maravilhas do seu lápis e dos devaneios do seu pincel, eu estou em que, de tôda a obra vastíssima, multiforme e policórdica de António Augusto Gonçalves, a que êle mais estima e a de que mais se ufana, a que mais lhe toca o coração, e mais fundo se radica na sua alma, é a criação tôda sua, completa e integral, perfeita e absoluta, de um artista modesto, quási obscuro, que ali na Sofia, em frente do Quartel, está arrancando a escôpro dos blocos de Ançã todo o renascimento e tôdas as florações da velha arte dos canteiros portugueses, que atiraram ao azul diáfano dos nossos céus com as estrofes imortais das Capelas-Imperfeitas do Mosteiro da Batalha.

Chama-se João Machado, o discípulo amado de António Augusto Gonçalves — a sua criação mais completa e sua mais completa obra prima.

E êle é que poderia, muito melhor do que eu, apresentar-vos, camaradas, António Augusto Gonçalves — o seu mestre e o seu amigo — de quem eu conheço apenas as fachadas rissonhas e ensoladas da vida, um pouco da sua Arte em que sou leigo, lampejos do seu talento que me subjugam, requintes da sua amabilidade que me captivam, lances do seu civismo que me atordoam, mas de quem vos não poderia dizer — mesmo que o soubesse e não fôsse segrêdo! — nem quando nasceu, nem como vive, nem quantos anos fez esta primavera e muito menos — porque só João Machado o sabe e só êle os conhece e como ninguém êle os admira — quantos mármoreos seus, quantas obras suas, dissiminadas e dispersas, desafiando, por êsse país fora, a posteridade, provam, como eu quisera poder

provar-vos, a grandeza máseula, o talento inconfundível e a individualidade primacial dêsse grande e modestíssimo Artista, pintor, ceramista, estatuário, jornalista, professor, crítico, arqueólogo, scenógrafo, architecto, ilustrador, erudito, homem de talento e homem amável, e, sobretudo, e, acima de tudo, homem de convicções e homem de bem, que passa a escabichar e a escarafunchir, metade da vida, numa obsecção, a sua inseparável boquilha nunca escabichada e escarafunchida...

João Machado que vô-lo apresente... Êle que vos diga camaradas, como é profundamente bom e profundamente honesto, profundamente erudito e profundamente inteligente êsse estranho e complexíssimo temperamento de Artista — carácter rectilíneo e dum só bloco, irrepreensível nos seus actos, intransigente nos seus princípios, inconfundível nas suas obras, originalíssimo nos seus trabalhos, inimitável nos seus ensinamentos e amorosíssimo nas suas afeições — António Augusto, o amigo do seu amigo, o mestre, guia, conselheiro e pai dos seus discipulos.

Êle que nos diga, na linguagem chã do seu affecto, no calor ingénuo da sua admiração, os tesouros de eruditismo, os prodígios de técnica, os portentos de Arte que se evolvem de um simples conselho, da mais ligeira observação de António Augusto Gonçalves diante dum pedaço de mármore que se faz rebelde às carícias do cinzel, ao pé dum vergalhão de ferro que se não dobra aos caprichos do fogo...

João Machado que vos conte todo êsse pungente drama da Fábrica de Cerâmica que António Augusto viu uma manhã esbarrondada, num lençol branco e pávido, alastrando por Santa Clara a sua ruína, as suas illusões, as suas químeras de fortuna e de triunfo, os seus sonhos de riqueza e de glória...

Êle que vos diga como António Augusto foi grande e forte, austero e corajoso nessa lucta sangrenta contra a infâmia e contra a Adversidade, vencendo pela abnegação e pelo sacrificio, como outrora, junto dos seus fornos insaciáveis, venceu também outro mestre oleiro — Bernardo Palissy — o criador do esmalte e do vidrado.

João Machado que vos diga como tem sido fecunda e laboriosa a vida artística de António Augusto, azulejando, modelando, pintando, lavrando e esculpindo tôda essa profusão de pequenas obras primas, que por cada canto de Coimbra, pelo Bussaco, pelo país além, pelas Áfricas, pelos Brasis, levadas pelo vento das encomendas de acaso, dispersas e trasalhadas por monumentos e frontarias, são como raios luminosos dum astro, iluminando em fogachos de talento, em chispas de Arte, as trevas densas do mercantilismo e da falta de gôsto, que mascaram em sombras de estupidez as obras do nosso tempo...

Êle que vos diga o seu amor por Coimbra — pelas suas pedras e pelo sua paisagem, pelas suas coisas e pelos seus homens: amor de Artista, amor de filho, que em Coimbra aprendeu a sua Arte e que em Coimbra nasceu de outro Artista — do velho pintor António José Gonçalves Neves, que por Coimbra deixou, em retábulos de capelas, em velhos tectos e lambrizes, a scintilação radiosa e ingénua dum grande temperamento inculto, duma indómita, irresistível e inculta vocação...

João Machado que vos fale do velho pintor Gonçalves, porque, falando-vos dêle, vos dirá como se fez Artista, como germinou e florio a complexa e magnífica individualidade artística de António Augusto Gonçalves, mestre, guia, amigo e companheiro de João Machado, que, como artista e como homem, é de tôda a obra vastíssima, multifórme e policórdica de António Augusto a que êle mais estima e a de que mais se ufana, a que mais lhe toca o coração e mais fundo se radica na sua alma...

E depois de vos ter falado de António Augusto como Artista, na vastidão assombrosa da sua obra poliforme, de vos ter dito da sua mocidade laboriosa sob a direcção enterneçada do velho pintor Gonçalves, de vos ter mostrado o seu período de lucta e de sofrimento — que para sempre o fez abandonar os seus moldes de oleiro — e de vos ter esboçado o seu amor vivíssimo e inteligente, a sua obsecante e lucidíssima paixão pelos rendilhados pedregulhos dos monumentos de Coimbra — as mara-

vilhas da sua reconstituição da Sé Velha, os encantos das restaurações de Santa Cruz — João Machado dir-vos há — muito em segredo e confidencialmente, não fôsse êle descobrir e pedir-lhe contas da sua inconfidência — do seu coração amantíssimo e da sua caridade sacudida e inesgotável que fazem da magra bolsa de António Augusto uma espécie de caixa de socorros, como que uma cozinha económica de tôdas as misérias ocultas, de tôdas as fomes, de todos os desesperos, de todos os infortúnios da antiga cidade do Mondego: velhices que êle ampara, frios que agasalha, estômagos que conforta, almas que aconchega ao color benéfico e amoroso da sua alma...

E fazendo-vos assim amar o homem, depois de vos ter feito admirar o Artista, João Machado far-vos há desbarretar ante a intransigência do democrata, ante as convicções do revolucionário, que José Falcão distinguiu e extremou sempre no núcleo restricto dos seus íntimos, que António José de Almeida, ainda hoje, cultoeja no florido oratório dos seus padroeiros e que, sempre na linha de fogo nos combates da república, sempre nos postos avançados nas batalhas contra a reacção, contra o existente, trabalha e luta por um regimen novo honrado e livre, emancipado e culto, em que um atentado contra a Arte, seja punido com todos os rigores do Código e em que as penas maiores, as prisões celulares, a fôrca e o garrote ameacem, na legislação, os vândalos e os bárbaros que conspirquem um mármore ou botem abaixo um monumento. Porque esses — dir-vos há João Machado — num país honesto, num regimen decente, não terão perdão das leis como hoje não tem o perdão de Deus nem do Senhor António Augusto Gonçalves, que — aqui para nós — é o meu Deus omnipotente, o meu Deus verdadeiro, que do nada de um blóco de Ançã vos talha um anjo ou um demónio, um santo ou um homem, com a perfeição e a beleza com que dizem no catecismo que Deus tirava do Nada anjos e demónios, homens e santos, numa época remota e vaga de que não há notícias certas e em que, com certeza, Mestre António Augusto Gonçalves ainda não tinha nascido...

... Que, sabendo de António Augusto a vida e as obras, todas as virtudes e todos os talentos, estou que João Machado não saberá o dia em que êle nasceu, o mês em que se baptisou e o ano em que foi menino...

Mas dizendo-vos que foi despachado professor de desenho na Universidade a 23 de Junho de 1902 — na vaga dêsse afável pintor de flôres Rodrigues Vieira que muitos recordam com saúde e só raros esquecem por ingratidão — segredando-vos que no Anuário vem uma data que pretende ser a do seu nascimento, João Machado, discípulo amado de António Augusto Gonçalves, a sua criação mais completa e a sua mais completa obra prima, a que êle mais estima e a de que mais ufana, a que mais lhe toca o coração e mais fundo se radica na sua alma — João Machado que vô-lo apresente...

Eu limito-me, respeitoso e confundido ante a vastidão colossal da sua obra de Artista e de educador e ante a grandeza áustera do seu carácter de democrata e de homem de bem, a tirar-lhe o meu chapéu e a saudar no Mestre António Augusto Gonçalves, — o Gonçalves de Coimbra — o homem de talento e o homem de coração, que é, na sua modéstia quasi mórbida, um dos grandes homens e um dos maiores Artistas da nossa terra e do nosso tempo.

Farol, Maio, 1909.





Emblema da Escola-livre

ACTA DA SESSÃO DE 19 DE DEZEMBRO DE 1905

Aos 19 dias do mês de Dezembro de 1905, achando-se reunidos nesta cidade de Coimbra e na sala da Escola Livre das Artes do Desenho muitos dos seus associados e diversas pessoas para êste fim convidadas, abriu a sessão o sócio Bernardo Carvalho, que em breves palavras explicou o fim desta reunião, convidando em seguida a assumir o lugar da presidência o sr. António Augusto da Costa Mota, indicação que foi aprovada calorosamente; e, tomando êste senhor o seu lugar, convidou para servirem como secretários os srs. Bernardo de Carvalho e Albino Caetano da Silva Pinto.

O sr. presidente, agradecendo a deferência, fala sôbre os serviços prestados pelo sr. António Augusto Gonçalves à Arte Portuguesa, cita os serviços que lhe devem a Escola e os artistas de Coimbra, relembra o tempo da sua aprendizagem na Escola Livre, e congratula-se por ter vindo propositadamente tomar parte numa homenagem de gratidão e respeito que todos têm pelo grande Mestre.

E dada a palavra ao secretário sr. Bernardo de Carvalho, que exalta as excelentes qualidades do professor António Augusto Gonçalves, cultor aprimorado de tôdas as manifestações da Arte, e lê a mensagem que lhe deve ser entregue, e que é do teor seguinte: — « Ao Mestre — o Mestre querido — Homenagem ao seu talento, ao seu amor à arte, aos seus altos serviços patrióticos — os seus discípulos dedicados. — Querido Mestre: — Que a vossa modéstia, reflexo da pureza da vossa alma, modéstia tamanha como a grandeza da vossa inteligência, nos perdôe. Fazeis hoje 57 anos. ; Há quanto vos dedicaes à Arte? Não sabemos. A Arte nasceu em vós, Mestre, como o pensamento. Surgiste para ela quando surgiste para a vida da inteligência. Mas se não podemos precisar a data da vossa iniciação na Arte, podemos precisar a data da fundação do instituto a que nos honramos de pertencer, em nome do qual vos dirigimos esta mensagem, e onde as vossas altas e admiráveis faculdades de mestre se veem revelando poderosamente há vinte e sete anos. E não só as vossas faculdades de mestre. Também o vosso entranhado patriotismo, o vosso encendrado amor pela instrução, o vosso desejo ardente de concorrer para a elevação intelectual desta pátria abatida. Porque, o que sobretudo encanta em vós, Mestre, é a aliança das vossas faculdades artísticas com o vosso caloroso amor à terra e à raça portuguesa. Poderíeis ser admirado sem terdes direito algum a ser amado. ; Um fruto glorioso, mas estéril, da nossa raça! Poderíeis ser um produto brilhante, mas negativo, em vez de serdes como sois, uma fôrça positiva, fecunda, de progresso, de civilização nacional. E sê-lo-heis, êsse produto negativo, empanado e triste no seu brilho de glória, se, encerrando-vos no egoísmo e na vaidade do vosso merecimenro artístico, do alto dêle, de braços cruzados, cuspísseis desprezos sôbre os vossos compatriotas, proclamando, como tantos outros, como quási todos os que parecem ter mérito nesta terra, a condenação da nossa pátria, a esterilidade do povo português. Em vez disso dedicaste-vos a incitar, a estimular, a ensinar, a re-

generar os humildes, pelo calor da vossa palavra e pelo poder da vossa inteligência. Sois grande Mestre, sendo um grande cidadão. Nós somos a prova, embora a mais humilde de tôdas, dêsse vosso alevantado civismo e extraordinário poder. E outros o têm sido muito mais eloqüentemente do que nós. No entanto, em nome desta Escola, a que dedicaste o vosso maior affecto, e de que vos podeis orgulhar porque dela têm saído homens que já hoje põem honra e lustre na Arte portugueza, em nome desta Escola vos felicitamos vivamente pelo vosso aniversário natalício, aproveitando a ocasião para vos manifestar o nosso reconhecimento, o nosso vivo affecto, a nossa admiração pelas vossas grandes qualidades de artista e de cidadão. Que a vossa modéstia nos perdôe. — Coimbra, Escola Livre das Artes do Desenho, 19 de Dezembro de 1905. — *Augusto de Carvalho da Silva Pinto — Benjamim Ventura — Manuel Martins Ribeiro — António Baptista — António Augusto Pedro — António Gomes — Alberto Ramos de Vasconcelos — António da Costa Carolino — Abel das Neves Eliseu — António das Neves Eliseu — Luís Cardoso — João Augusto Machado — Armando de Sousa — António Augusto da Costa Mota — António Maria da Conceição — Joaquim Abreu Couceiro — Alberto Caetano — Adriano Costa — A. Carlos Lobo — Saúl de Almeida — Afonso Ribeiro — João das Neves Machado — Lourenço Chaves de Almeida — Bernardo Carvalho — Albino Caetano da Silva Pinto ».*

Seguidamente é o sr. António Augusto Gonçalves nomeado, por aclamação, sócio emérito da Escola.

Dada a palavra ao sr. Dr. Mendes dos Remédios, lente da Universidade, disse que fôra convidado para tomar parte naquela conspiração, e que, satisfeitíssimo, aceitara. Pois de que se tratava? Duma homenagem a prestar a António Augusto Gonçalves, ao homem que há mais de 30 anos consagra as suas fadigas em prol dos seus concidadãos, que ao levantamento e ressurgimento da arte nacional, e particularmente da de Coimbra, tem consagrado tudo o que podia consagrar-

-lhe — todos os momentos da sua existência. E êste benemérito, êste grande cidadão — um dos primeiros do nosso país — pela sua generosa e fecunda actividade, não tinha tido, até hoje, ainda, uma festa de eleição em que alguns, pelo menos, dos seus amigos e admiradores lhe podessem dizer, na sinceridade das suas almas, quanto o admiram e prezam. Não há aqui, disse, os brilhos reluzentes de fardas consteladas, mas honesta, simples, partida do coração, esta festa representava para todos uma verdadeira festa de apoteose ao mérito, ao valor, à dignidade. Os alunos da Escola Livre deram-lhe a êle, orador, um grande prazer convidando-o para assistir a esta festa. Sòmente deveriam ter ficado por aí. Mas quiseram mais — apresentaram-lhe o desejo de que fòsse êle quem, em nome dos artistas da Escola e de todos os seus membros, saüdasse António Augusto Gonçalves. Em António Augusto Gonçalves há dois elementos combinados formando o belo poema da sua vida. Há nêle — o professor, o erudito, o esteta, o cultor da divina arte do Belo, o apreciador consumado de tôdas as formas da arte plástica, o conhecedor finís-simo e subtil da beleza das linhas e das côres, o perscrutador sagaz das diversas manifestações das artes profissionais, sabendo conhecer a inspiração e a vida que podem arrancar-se à matéria inerte; e — o carácter, a independência, a modéstia, a integridade moral que fazem dêle — um perfeito homem de bem. Erudito e conhecedor, como poucos, da história e evolução da arte portuguesa, como poucos também, êle tem o dom de adivinhar o que êle mesmo ainda há pouco chamou a « mudez eloqüente dos monumentos ». Os seus estudos sòbre a Sé Velha e Santa Cruz e sòbre o Convento de Cristo de Tomar são, a-pesar-da síntese em que tiveram de manter-se, estudos de rigoroso cunho científico e técnico, modelados pelo seu talento de escritor tão vivo e tão original. Mas a sua competência não se circunscreve aos problemas teóricos, competência que lhe daria um lugar indiscutível na Universidade, numa cadeira de História da Arte, se a Universidade tivesse,

como era de justiça, uma Faculdade de Letras, onde aquele estudo teria natural cabimento. As leis e os segredos da Estética, que o seu extraordinário sentimento adivinha, têm uma sólida base fortificante na sua educação essencialmente profissional. O que êle diz ou escreve, pode fazê-lo por êle próprio, ou fazê-lo executar por discípulos seus — alguns hoje glória imarcescível do nosso tempo. Para a obra de pedra como para a de ferro, para a de madeira como para a de barro, o seu conselho é sempre luminoso, a sua direcção segura. ¿E como conseguiu António Augusto Gonçalves tantos e tais méritos? Pelo trabalho, nada mais que pelo trabalho. A ninguém melhor do que a êle se podia aplicar aquela frase dos inglêses = *self made man*, homem que por si se faz, cria aptidões, forma a vontade, disciplina a energia. Dizia Gibbon que todo o homem recebe duas espécies de educação — uma que lhe é dada pelos outros; outra, mais importante, que êle se dá a si próprio. Temos um exemplo frizante destas palavras em António Augusto Gonçalves. Simples e modesto êle impõe-se por tôdas as viris qualidades que dá a nobreza do merecimento, conquistado, não por direito de nascimento, pela fortuna ou pelos acasos da política, mas pelo valor individual e próprio. O aspecto moral desta complexa figura de artista é, talvez, o que mais encanta. E vendo-o, estudando-o, admirando-o, pode dizer-se em duas palavras o que êle é: — pelo seu saber um Mestre; — pelo carácter um guia, um exemplo, uma lição. Saudemo-lo!

Dada a palavra ao sr. Dr. Sidónio Pais, lente na Universidade, disse que o elogio do sr. António Augusto Gonçalves está feito pelo sr. dr. Mendes dos Remédios e ninguém o poderia fazer melhor. Achava-se ali, não só como particular, mas também como representante da Escola Industrial Brotero, de que é director, e na qual o ilustre artista o vem acompanhando de há muitos anos, revelando sempre excepcionais qualidades de saber e de carácter. Frizou duas notas ali mesmo colhidas, e que definem bem o valor da festa, e com

que muito comovido se acha; — uma, as lágrimas que viu deslizar nos rostos dos discípulos do sr. Gonçalves; outra, ver nêle um homem de energia, pois que criou a Escola e educou alunos, que já hoje são uma glória nacional, procurando assim desenvolver a instrução artistica. Sente culto pelos dotes do coração do festejado e pela sua alta capacidade. Referiu-se à saída do illustre professor do cargo de director da Escola Industrial Brotero, resolução que todos sentiram amargamente. De tal forma se houve nesse lugar, que ainda hoje todos o consideram como revestido nêsse cargo. Deixou-o por vontade própria, alegando considerações que, se bem que fôsem acatadas, não calaram no ânimo de quem as ouviu, mostrando nêste facto um traço glorioso da sua vida, e que prova bem o alto carácter do illustre professor. Terminou levantando um viva a António Augusto Gonçalves, viva que foi secundado com indescritível entusiasmo com uma salva de palmas.

Tomando a palavra o sr. António Augusto Gonçalves começou por declarar que a sua sensibilidade nervosa, neste abalo de surpresa e de comoção, o não deixava conciliar ideas e traduzir em palavras o seu pensamento. Sentia-se confuso e aturdido. Conhecia-se bem. E reconhecia, em consciência, que nem os escassos méritos, de que dispõe, nem os seus serviços prestados à Escola Livre, lhe davam direito a esta demonstração generosa, que a bondade dos seus amigos lhe preparara, como prova de afeição e estima pessoal. Não podia ser outra a verdadeira significação da festa. A Escola Livre das Artes de Desenho é o produto da iniciativa e dedicação de todos os associados, trabalhando em comum e indistintamente, sem excepções e sem preferências. Era a essa sua maior glória, e a fôrça, umas vezes activa, outras latente, que nunca deixou de animá-la. A sua pessoa ali era simplesmente o protexto para uma memorável demonstração de vitalidade. Por isso, nêste momento, lembrava e pedia que, no mesmo intuito e como complemento da solenidade com que o

honravam, todos os sócios se empenhassem e esmerassem activamente em realizar a próxima exposição de trabalhos, desde muito projectada. De resto era fácil de avaliar como se achava comovido e como guardaria para sempre no íntimo do seu coração a lembrança deste dia, em que as mãos de tantos amigos leais e dedicados apertavam efusivamente as suas. Esta consideração o fazia feliz, e só lhe pesava que a impressão dominadora, que o perturbava, lhe não permitisse exprimir claramente os sentimentos de gratidão imensa e o estremecido affecto, com que correspondia à bondade magnânima e carinhosa dos consócios, seus irmãos, e de amigos benignos, que ali via, exaltando aquella obra de amorável injustiça.

Seguidamente foi entregue ao sr. Gonçalves a mensagem aprovada, dentro de uma pasta de pelúcia verde, com o seu monograma e dedicatória, levantando-se entusiásticos vivas ao grande artista.

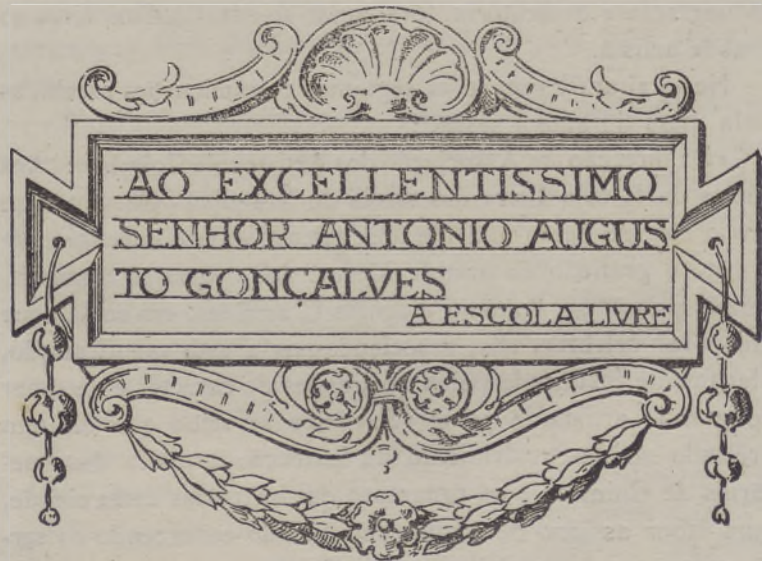
Nesta altura leram-se as seguintes comunicações recebidas pela mesa durante a sessão:

«Da direcção da Associação dos Artistas de Coimbra: Aos sócios da Escola Livre das Artes do Desenho. Chegando ao nosso conhecimento que vós ides prestar uma homenagem de apreço e gratidão ao grande Mestre dos operários conimbricenses o ex.^{mo} sr. António Augusto Gonçalves, em sessão que hoje ides celebrar, nós, associando-nos a esta manifestação, plenamente justificada pelas qualidades de carácter e de saber do grande artista, e pelos relevantes serviços que êle tem prestado ao desenvolvimento da instrução artística dos operários de Coimbra e ao progresso das indústrias desta cidade, num labor assíduo de muitos anos, e não esquecendo os serviços que, em especial à associação que representamos, êle generosamente prestou, vimos pedir-vos que lhe façais saber que os nossos corações vos acompanham nessa carinhosa homenagem, com reconhecimento e gratidão. — (aa.) *João Gomes Pais — António Maria Canário — António Francisco*

Mendes Alcântara — Joaquim dos Santos — Manuel dos Santos Fonseca — António Maria da Conceição ».

« Da Associação dos Bombeiros Voluntários: A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Coimbra associa-se do coração à homenagem que hoje prestais ao vosso Mestre sr. António Augusto Gonçalves, que constitui, sem dúvida, a glória da Arte portuguesa, e o orgulho de todos os conimbricenses. »

O sr. presidente deu por encerrada a sessão, de que se lavrou esta acta, que vai ser assinada pela mesa. E eu Albino Caetano da Silva Pinto, secretário, a subscrevi e assino. — O presidente da mesa, (a.) *António da Costa Mota*. — Os secretários, (aa.) *Bernardo Carvalho, Albino Caetano da Silva Pinto*.



Desenho de José Pereira Dias

reproduzindo a placa de prata da pasta que encerra a mensagem entregue ao Sr. A. Gonçalves em 19 de dezembro de 1905, executada por Manuel Martins Ribeiro segundo a modelação de João Machado

RÉPÚBLICA PORTUGUESA

CAMARA DOS DEPUTADOS

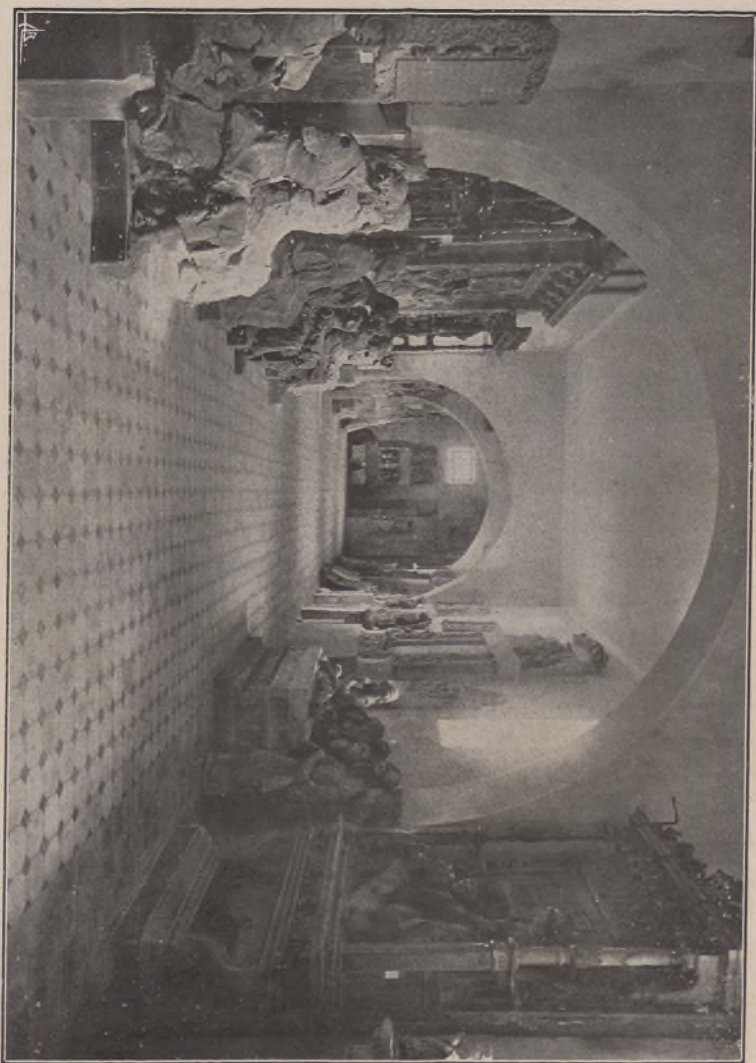
Ex.^{mo} Snr. António Augusto Gonçalves, Director do Museu Machado de Castro, Coimbra n.º 31. — Tenho a honra de comunicar a V.^a Ex.^a, de harmonia com uma deliberação desta Camara, que, na sessão de 5.^a feira última, a mesma Camara, sôbre proposta do snr. deputado Alves dos Santos, resolveu exarar na acta um voto de louvor a V.^a Ex.^a, pelos revelantes serviços por V.^a Ex.^a prestados à arte nacional; e de congratulação com a cidade de Coimbra, pela homenagem que ela quiz render a V.^a Ex.^a; o que tudo comunico a V.^a Ex.^a para sua satisfação. — Saude e Fraternidade. — Palácio do Congresso, em 8 de Agôsto de 1921. — O Deputado 1.º Secretário, (a.) *António Mantas*.



SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Ex.^{mo} Senhor António Augusto Gonçalves. — Em reunião de Direcção desta Sociedade, foi, por proposta do Director Ex.^{mo} Senhor Severo Portela, resolvido cumprimentar V.^a Ex.^a associando-nos, dêste modo, às justíssimas homenagens prestadas a V.^a Ex.^a como ilustre Director do Museu Machado de Castro, que tão carinhosamente tem sofrido a sua influência de mestre e organisador. E porque essa circunstância muita valia para nós — como artistas e patriotas — representa, vivamente nos apressamos a secundar as referidas homenagens. — Saúde e Fraternidade. — Lisboa, e Sociedade Nacional de Belas Artes, 4 de Julho de 1921. — O 1.^o Secretário, da Direcção (a.) *Armando de Lucena*.





Museu Machado de Castro — Sala III

AMIGOS-DEFENSORES DO MUSEU
RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Lisboa, 11 de Agosto de 1921. — Ex.^{mo} Senhor. — Geralmente conhecidos os beneméritos esforços, absolutamente triunfantes, que V.^a Ex.^a tem empregado a favor de todos os assuntos de Arte, e a acção benemerentíssima de V.^a Ex.^a na criação e progresso do famoso «Museu Machado de Castro» cuja comemoração recente, justíssima, era um dever de gratidão de todos os portugueses, não podia o grupo dos «Amigos-defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro» ficar alheio à consagração devida a tão venerando cidadão; nesse intuito foi unânimemente resolvido na última reunião do mesmo grupo, por calorosa aclamação que se oficiasse a V.^a Ex.^a participando que o grupo dos «Amigos-defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro» acompanha todo o país nas homenagens e no culto que a V.^a Ex.^a é devido. — Saúde e Fraternidade. — (aa.) *Magalhães Lima, Julieta Ferrão.* — Ex.^{mo} Senhor António Augusto Gonçalves, Coimbra.



COLABORADORES

Afonso Duarte.
Afonso Lopes Vieira.
Alvares de Almeida.
Angela (D.) Maria da Fonseca.
António Augusto da Costa Mota.
António do Couto.
António Ferreira Monteiro.
António Garcia Ribeiro de Vasconcelos.
António José de Almeida.
António Mesquita de Figueiredo.
Augusto Casimiro.
Augusto Mendes Simões de Castro.
Branca (D.) de Noronha.
Braamcamp Freire.
Camara Reis.
Campos de Figueiredo.
Candido Guerreiro.
Cardoso Marta.
Carlos Reis.
Catarina (D.) Blanco.
Columbano Bordalo Pinheiro.
Costa Mota, Sobrinho.
A. Costa Ferreira.
Daniel Pires da Silva.
Domingos Ramos.
Eugénio de Castro.
Francisco Augusto da Silva Rocha.
Francisco M. da Costa Lobo.
Germano Martins.
Guedes de Oliveira.
Gumersindo Sarmento de Figueiredo da Costa Lobo.
Hernani Cidade.
Jaime Cortesão.
Jaime de Magalhães Lima.

João de Barros.

João Machado.

João Vaz.

José Augusto Pimenta.

José Bastos dos Santos.

José de Figueiredo.

José Luís Monteiro.

José Malhõa.

José (D.) Manuel de Noronha.

Júlio Dantas.

Júlio A. Henriques.

Lancelot D. Carnegie.

J. Leite de Vasconcelos.

Leopoldo Batistini.

Luciano Lallemant.

Luciano Martins Freire.

Manuel Monteiro.

Manuel da Silva Gaio.

Manuel de Sousa Pinto.

Maria (D.) Isabel de Abreu e Vasconcelos.

Maria (D.) Lucila Henriques de S. de Menezes.

Marques Abreu.

Mendes dos Remédios.

Raul Brandão.

Raul Lino.

Reinaldo dos Santos.

Sebastião da Costa.

Sebastião de Magalhães Lima.

Sílvio Pélico Lopes Ferreira Neto.

H. Teixeira Bastos.

Teixeira Lopes.

Tomás da Fonseca.

Trindade Coelho.

Umberto de Araujo.

Vergílio Correia.

Veva (D.) de Lima.

PROMOTORES DA HOMENAGEM

Doutor Júlio Augusto Henriques, Presidente.

Angela (D.) Maria de Castro de Carvalho e Lobo Vila Moura da Fonseca.

Ester (D.) Luiselo Alves Moreira.

Júlia (D.) Luiselo.

Maria (D.) Angelina Vila Moura da Fonseca.

Maria (D.) Martins Rebelo da Silva Pinto.

Virgínia (D.) Rebelo Martins da Silva.

Abel Augusto Dias Urbano.

Alberto Cupertino Pessoa.

Albino Caetano da Silva Pinto.

Angelo Rodrigues da Fonseca.

António Couceiro Martins.

António Garcia Ribeiro de Vasconcelos.

António Luís da Costa Rodrigues.

António-Maria Pimenta.

Augusto Carvalho da Silva Pinto.

Augusto Casimiro.

Augusto da Costa Pereira.

Augusto Mendes Simões de Castro.

Belisário Pimenta.

Daniel Ferreira de Matos.

Francisco França Amado.

Francisco M. da Costa Lobo.

Frederico Pereira da Graça.

Guilherme Alves Moreira.

Henrique Teixeira Bastos.

João Augusto Machado.

João Rodrigues da Silva Couto.

Joaquim de Carvalho.

Joaquim Fernandes dos Santos.



Lourenço Chaves de Almeida.
Manuel Augusto Rodrigues da Silva.
Manuel de Melo Nunes Gerales.
Sílvio Pélico Lopes Ferreira Neto.
Tomás da Fonseca.



67



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329724924

